

CELULOSE & PAPEL

ANO I N:2 JUNHO/JULHO/85

↓(2)

Biblioteca
a
SPC

**PAPÉIS PARA
EMBALAGEM
BUSCAM NOVOS
MERCADOS**

NET WEIGHT

FOR OPENING
PRESS AND LIFT

COUNT

8	9	10
11	12	

Editoras querem aumentar
a produção de livros em 20%.



Klabin do Paraná: 50 anos de experiência.

Fundada em 1934, a Klabin do Paraná nasceu de uma idéia: produzir papel-imprensa no país.

Naquela época, os sinais de guerra na Europa indicavam que o Brasil, mais do que nunca, necessitava de auto-suficiência de matérias-primas básicas, como a celulose e papel para jornais. Foi com muito esforço e tenacidade de seus empreendedores, que a fábrica pôde ser concluída em 1947.

A partir daí a Klabin nunca parou de crescer e diversificar sua linha de produtos.

Já na década de 50, a Klabin era a maior produtora de papel e celulose do Brasil, e hoje é a maior da América Latina, estando entre as 100 maiores do mundo.

Hoje, Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A. têm sua principal unidade industrial na Fazenda Monte Alegre, Telêmaco Borba, Paraná, que produz 450.000 toneladas ao ano de papéis para impressão e embalagens, e 4 fábricas de papelão ondulado localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.



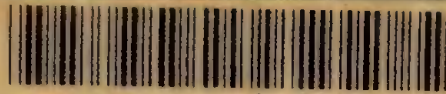
É também uma holding que controla direta ou indiretamente outras empresas do setor.

Em 1984, Klabin e controladas produziram acima de 900.000 toneladas de celulose e papel, cerca de 20% da produção nacional, proporcionando 18.000 empregos diretos, e ampliando para 160.000 ha suas reservas próprias de florestas

plantadas de pinus, eucalipto e araucária. Este é o resultado de uma empresa com 50 anos bem sucedidos.



Indústrias Klabin
de Papel e Celulose S.A.



PUBLIC.: P-001783

CELULOSE & PAPEL 1(2) JUN./JUL. 1985

DESENVOLVIMENTO DO SETOR DEPENDE DE RENTABILIDADE

Horácio Cherkassky - Presidente da ANFPC

COM O PROPÓSITO de informar e estimular o debate entre as empresas, no sentido de procurarmos o encaminhamento de soluções, apresentamos a seguir, pontos e colocações de grande importância para o desenvolvimento do setor de papel e celulose nos próximos anos, os quais têm sido objeto de discussão pela indústria, em diversas oportunidades.

PREÇOS NO MERCADO INTERNO — O desenvolvimento do setor de papel e celulose depende de sua capacidade de sustentar níveis satisfatórios de rentabilidade, que assegurem o retorno adequado aos ativos atualizados das empresas. Para que isso ocorra, os preços dos produtos devem ser fixados livremente pelos fabricantes, de acordo com as leis de mercado. Qualquer esquema de intervenção governamental nesse campo deve ser limitado a situações de emergência, e circunscrito a curtos períodos de tempo.

Só com a lucratividade normal, as empresas conseguirão se capitalizar e realizar os investimentos que julgarem necessários ao seu desenvolvimento, inclusive utilizando-se do mercado de capitais, que apresenta grande potencialidade para a captação de recursos não exigíveis.

As empresas do setor devem assumir posições harmônicas, baseadas em pontos comuns de consenso, na defesa de seus interesses, junto aos organismos públicos competentes.

INVESTIMENTOS — É importante que o País amplie suas exportações de papel e celulose, pois está demonstrada a sua capacidade de competir em preço e qualidade no mercado internacional.

Para que isso se viabilize, será necessário expandir a capacidade instalada, objetivando o pleno atendimento do mercado interno e a consecução de uma política estável de exportação.

Para a realização de novos investimentos, principalmente os projetos de celulose, haverá necessidade, além do aspecto vital da lucratividade já citado, do apoio dos poderes públicos, tendo em vista o longo

prazo de maturação e o elevado grau de risco financeiro para as empresas.

A ação governamental desejável, neste particular, deveria incluir medidas semelhantes àquelas adotadas pelos governos dos países que competem com o Brasil no mercado internacional.

As empresas, por seu lado, deverão procurar obter a maior eficiência possível na gestão e alocação de recursos, com o objetivo de aumentar sua competitividade.

No que se refere ao abastecimento de celulose aos fabricantes de papel, notadamente os não-integrados, é importante que suas necessidades sejam atendidas. Para isso, no entanto, reconhecemos que será necessário que os preços internos da celulose sejam compatíveis com aqueles praticados no comércio exterior pelas empresas produtoras dessa matéria-prima. Diante das dificuldades atuais para novos investimentos, seria altamente recomendável que os fabricantes de papel procurassem liderar, induzir ou apoiar projetos de matérias-primas, que lhes assegurassem fornecimento de acordo com as suas necessidades de expansão. E nesse caso, devemos ter em mente a alternativa representada pelas pastas de alto rendimento que envolvem investimentos inferiores aos requeridos pela celulose.

POLÍTICA FLORESTAL — Para aumentar sua competitividade recomenda-se às empresas que desenvolvam e utilizem as modernas técnicas de silvicultura e de manejo florestal.

O item transporte é crítico na formação do custo da madeira, e como tal deve ser objeto de análise e otimização por parte das empresas. Quanto à política de incentivos florestais, e alocação de recursos deveria levar em conta a utilização de técnicas modernas de silvicultura, a localização dos projetos e o compromisso de consumo pelo investidor.

EXPORTAÇÕES — Devido à importância das exportações para o País, seria desejável que o governo dispusesse de medidas que permitissem o fluxo normal das vendas externas, mesmo diante de situações cir-

cunstanciais desfavoráveis.

Tais mecanismos compensatórios, utilizados amplamente pelos países concorrentes, seriam desenvolvidos para situações como: variações significativas nas paridades das moedas externas, despesas portuárias acima dos níveis internacionais, taxas de juros maiores que as praticadas em países concorrentes, altos custos de infraestrutura econômica e social na instalação de novos projetos, etc.

PLANO INSTITUCIONAL — Tendo em vista o processo político por que passa o País, torna-se necessário adotarmos uma postura institucional mais agressiva e permanente junto à opinião pública, aos veículos de comunicação e aos poderes constituídos. Devemos informar a todo esse público sobre as realizações do setor e seus benefícios para a sociedade, de modo a obter e manter uma imagem justa e favorável.

As empresas e seus órgãos de classe devem se unir nos pontos de consenso e adotar posicionamentos harmônicos no plano institucional.

ÁREA DE RELAÇÕES INDUSTRIAIS — Estamos diante de uma nova realidade político-social e trabalhista, onde se evidenciam, nos planos interno e externo das empresas, reivindicações de fundo social e salarial. As empresas precisam se preparar, a exemplo do que estão fazendo as organizações sindicais, a nível de recursos humanos especializados, bem como a nível conceitual, para que possam encarar com objetividade este processo evolutivo das relações do trabalho.

Como um dos primeiros passos nesse sentido seria recomendável a adoção de políticas e práticas de Recursos Humanos que conduzissem a um diálogo permanente com os funcionários.

Estes pontos e colocações, aqui expostos de forma resumida, serão abordados durante a 4ª Reunião Ordinária Geral da ANFPC, a se realizar em Canela, RS, no próximo dia 5 de agosto, onde esperamos contar com a presença de todos os associa-



A MANVILLE TEM RAÍZES PROFUNDAS NESTA TERRA

Publicidade

Instalada no Brasil desde 1958, a Manville Produtos Florestais Ltda. tem participado ativamente do desenvolvimento do setor de celulose e papel.

A empresa, pioneira no desenvolvimento do plantio de **Pinus taeda e elliottii**, hoje possui, em Santa Catarina, 42.000 hectares de refloresta-

mento, atendendo as suas necessidades de matéria-prima tanto para transformação como para fins energéticos.

Voltada para uma política de constantes investimentos, a Manville conta hoje com 2.300 funcionários, distribuídos por suas fábricas em Otacílio Costa e Itajaí, SC; e Jundiá, SP; e escritórios em

São Paulo, SP e Rio de Janeiro, RJ.

Em 1984, essa política resultou no atendimento ao mercado interno, bem como significou exportações diretas de produtos no valor de 22 milhões de dólares.

Uma demonstração flagrante da integração da Manville ao esforço de crescimento nacional.



Manville

MANVILLE PRODUTOS FLORESTAIS LTDA.

CELULOSE, PAPÉIS E CARTÕES KRAFT. SACOS MULTIFOLIADOS. EMBALAGENS DE PAPELÃO ONDULADO.

CELULOSE & PAPEL

A Revista **Celulose e Papel** é o órgão oficial da ANFPC Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose
 — Rua Afonso de Freitas, 499
 — CEP 04006, São Paulo, SP
 — Fone: 544-1845.

DIRETOR RESPONSÁVEL:

H. Horácio Cherkassky

CONSELHO EDITORIAL:

Alberto Fabiano Pires

Aldo Sani

Benjamin Solitrenick

Boris Tabacof

Jamíl Aun

Marcello L. Pilar

Osmar Zogbi

Ronaldo A. Guedes Pereira

Ruy Haidar

Lenomir Trombini

CONSELHO CONSULTIVO:

GT-2 - Divulgação

COORDENADOR GERAL:

Daltro Lopes de Souza



NÃO COMBINE
USE PAPEL

Elaborada pela equipe de redação da Clemente & Gramani Editora e Comunicações Ltda. **Diagramação e Produção Gráfica:** Sérgio Lopes da Rocha e Tomás Rossi. **Secretária da Redação:** Leila Khaznadar. **Capa:** Link Publicidade Ltda. **Fotos:** Elpídio Senne e Interfoto. **Redação e Publicidade:** Rua Ulisses Paranhos, 46, CEP 01330, São Paulo, SP - Tel.: 283.4775.

Composição: Grafibrás. **Fotolito:** Marprint. **Impressão:** Lastri. **Tiragem:** 8.000 exemplares.

As opiniões e conceitos emitidos nos artigos não representam, necessariamente, o pensamento dos diretores da ANFPC ou de seus associados, podendo até ser contrários.



NOVOS MERCADOS PARA OS PAPÉIS DE EMBALAGEM

16

Nos três primeiros meses deste ano as vendas domésticas de papéis para embalagem registraram um crescimento da ordem de 24,3% em relação ao primeiro trimestre de 1984. Certo de poder atender em razão do aumento da capacidade instalada - que se verificou nos últimos anos no setor - ao incremento da demanda por papéis para embalagem que ocorrerá com o desenvolvimento da economia brasileira, o segmento mostra-se otimista em relação ao futuro.

PREÇOS COMPROMETEM DECISÃO DE INVESTIR

24

O rígido controle exercido pelo governo, por meio do Conselho Interministerial de Preços, sobre os preços da celulose e do papel no mercado interno prejudica seriamente a rentabilidade do setor e representa um desestímulo à implantação de novas fábricas e à expansão das já existentes.

ABRIR O CAPITAL É HOJE O MELHOR CAMINHO PARA CRESCER

25

Ao recorrerem ao mercado de capitais, empresas de administração familiar estão descobrindo que além de captar recursos financeiros permanentes, recebem junto um importante elemento indutor de adequação, ou mesmo de adoção, de sistemas administrativos modernos.

AS NORMAS DA QUALIDADE INDUSTRIAL

26

Através do uso de controles estatísticos, normas de procedimento e utilização de métodos de ensaio no controle físico de qualidade, procura-se racionalizar e disciplinar as operações desde o início da produção.

EDITORAS DE LIVROS QUEREM AUMENTAR SUA PRODUÇÃO EM 20%

32

Com uma produção de apenas 250 milhões de exemplares por ano, atualmente, o que significa pouco mais de dois livros por habitante, a indústria editorial brasileira pretende ampliá-la para 300 milhões nos próximos dois anos, por meio de campanhas promocionais em conjunto com os fabricantes de papel.

Editorial	3	Eventos	30
Summary	6	Abigraf	36
Noticiário ANFPC	8	ABCP	38
Artigos	24	Documento	39

NEW MARKETS FOR PACKAGING PAPERS

DURING THE FIRST THREE MONTHS OF THE YEAR, domestic consumption of packaging papers registered a 15.5 percent increase in relation to the same period in 1984. Total volume reached 407,000 metric tons.

Over the last few years, the packaging paper industry has suffered from the reduction of activity in civil construction. The cement industry is the principal consumer of multiwall bags and is operating at less than 60 percent of installed capacity. Today kraft paper producers are optimistic. With recent investments in new capacity and quality improvement they are certain to be able to supply new demand that will come with the development of the Brazilian economy.

Kraft paper producers are also confident of winning a new segment in the domestic market; that of the 50 kg multiwall bag for sugar. Brazil is one of very few countries that still uses cotton bags for packaging sugar. This year's harvest, estimated at 120 million 50 kg bags, would represent an additional consumption of 55,000 metric tons of kraft paper.

PUBLISHERS WANT TO INCREASE PRODUCTION 20 PERCENT

Brazilian publishers have an annual output of 250 million books which represents little more than two books per capita. The publishing industry intends to increase this amount to 300 million through promotional campaigns. They will receive support from paper manufacturers.

PRICE CONTROLS INHIBIT INVESTMENTS

The strict price controls exercised by the government, through the Interministerial Price Council (CIP), are seriously affecting the industry's profitability. At this time, there is little incentive for investing in new projects or expanding existing mills.

GOING PUBLIC IS THE BEST ROAD TO GROWTH

In taking their companies public, family owned businesses are discovering that beyond the advantages of equity financing, they structure their organizations for modern administrative systems.

STANDARDS FOR INDUSTRIAL QUALITY

Mill operations are organized and controlled all through the production process by use of statistics, standard procedures and test methods in quality control.





Para que uma obra de arte seja excelente é preciso uma combinação perfeita de muitas coisas.

A escolha dos melhores materiais. Estudo. Planejamento. Diligência. Trabalho duro.

E uma coisa de difícil definição.

Podemos chamá-la de inspiração.

Ao fazer e comercializar Primacell, sua polpa branqueada de eucalipto, a Riocell combina a melhor matéria-prima, a mais alta tecnologia e a iniciativa, o talento e a dedicação dos seus empregados.

E uma coisa a mais.

Um completo conhecimento do mercado a que serve e a capacidade de responder rápida e eficientemente às suas necessidades.

Com qualidade.

Em primeiro lugar e acima de tudo.

A busca da excelência começa com um compromisso com a excelência.

PRIMACELL

By



RIOCELL

RIO GRANDE - COMPANHIA DE CELULOSE DO SUL

PERSPECTIVAS DO SETOR É TEMA DA 4ª REUNIÃO DA ANFPC

PROMOVER o intercâmbio entre os empresários nacionais do setor de celulose e papel é o objetivo do encontro que acontece no dia 5 de agosto, na cidade de Canela (RS). Esta é a

4ª Reunião Ordinária, organizada pela ANFPC, com patrocínio do Sindicato das Indústrias de Papel e Celulose do Rio Grande do Sul, que dará oportunidade aos empresários de

discutir temas como: "Perspectivas para o desenvolvimento do setor", "Exportações e abastecimento do mercado interno", "Preservação do meio-ambiente e reflorestamento", "Produção interna" e, ainda, "Relações Industriais dentro das empresas do setor".

O encontro, promovido no Hotel Laje de Pedra, será oficialmente aberto às 9 horas pelo presidente da ANFPC, Ho-

rácio Cherkassky, e por Luís Fernando Franco, presidente do Sindicato das Indústrias de Papel e Celulose do Rio Grande do Sul. O encerramento da reunião está previsto para às 17h30.

O Sindicato do Rio Grande do Sul, oferecerá aos participantes coquetel seguido de jantar patrocinado pela Facelpa — Fábrica de Celulose e Papel S.A.

SEPACO INAUGURA POSTO AVANÇADO EM MOGI

OSOTTO MIL funcionários do setor de celulose e papel da região de Mogi das Cruzes (SP) e os seus dependentes, que somam aproximadamente 25 mil pessoas, já podem recorrer ao atendimento médico ambulatorial do Posto Avançado do Sepaco, inaugurado em fins de julho último. Localizado à rua Santana, 292, Jardim Santista, Mogi das Cruzes, o Posto tem 600 m² de área construída e é o resultado da iniciativa do Sepaco (hospital mantido pelos fabricantes de papel e celulose), em implantar novas unidades de atendimento médico em outros municípios paulistas.

Os dez funcionários contratados para prestar serviços no novo Posto Avançado (entre médicos, enfermeiros, atendentes e auxiliares), estão habilitados a atender pacientes em clínica-geral, pediatria, ginecologia e obstetria. A média diária

de atendimento está prevista para até 80 pessoas. Mas, o Posto tem condições de aumentar essa capacidade, se a demanda assim exigir.

O motivo pelo qual Mogi das Cruzes foi escolhida para abrigar o primeiro Posto Avançado do Sepaco deve-se ao fato de que naquela região concentram-se 17 empresas do setor, o maior número de fabricantes localizados em municípios de São Paulo. Esse Posto será, na verdade, o projeto-piloto do Sepaco, onde ele vai acumular know-how para instalar muitas outras unidades pelo interior do Estado. E, ainda será considerado a primeira porta de entrada dos funcionários e seus dependentes para encaminhamento a serviços médicos mais especializados que forem necessários ser feitos no Hospital Sepaco, em São Paulo.

ANAP TEM NOVA DIRETORIA

TOMOU POSSE oficialmente, no último dia 30 de julho, a nova diretoria da ANAP - Associação Nacional dos Aparistas de Papel, entidade que congrega 130 associados. Ângelo Di Sarno, diretor da Comércio de Aparas de Papel Nápoles, é o novo presidente para o biênio 85/87, sucedendo a Ângelo Taurizano. Além do presidente, a diretoria é formada por Ary Lopes Villena, 1º vice-

presidente; José Manuel Gomes, 2º vice-presidente; Michel Simeliovich, 1º secretário; Valdecir Lopes Nunes, 2º secretário; Rafael Di Sarno, 1º tesoureiro; e Carlos Alberto Bento, 2º tesoureiro.

Por ocasião da posse, foi inaugurada a sede própria da ANAP, localizada à rua Brigadeiro Gavião Peixoto, 719, no bairro da Lapa, em São Paulo, Capital.

CONFERÊNCIA SOBRE DIREITO FLORESTAL

COM A PRESENÇA de conferencistas do Brasil, Argentina, Chile e Colômbia, o Instituto de Direito Florestal do Brasil e o Instituto dos Advogados de São Paulo promovem em São Paulo, na primeira quinzena de outubro, em data ainda não definida, um Ciclo de Conferências sobre Direito Florestal.

Durante o evento, que é patrocinado pela Arbra - Associação Brasileira dos Reflorestadores, APR - Associação Paulista de Reflorestadores, Instituto Brasileiro de Desen-

volvimento Florestal e Companhia Energética de São Paulo, serão apresentados os seguintes temas: "Direito Florestal Comparado", "A sociedade em conta de participação na atividade florestal brasileira", e "Incentivos fiscais ao reflorestamento - aspectos tributários". Também serão abordados temas relacionados com a preservação do meio ambiente e aspectos práticos, técnicos, contábeis e fiscais da atividade florestal no Brasil.

INVESTINDO NA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

DEPOIS de assinar convênio com a Prefeitura das cidades de Avaré e Lençóis Paulista, interior do Estado de São Paulo, a Ripasa acaba de fornecer as primeiras seis mil mudas de várias espécies de árvores aos dois municípios paulistas. A doação faz parte do amplo programa educativo desenvolvido pelo Grupo no sentido de sensibilizar a comunidade para os assuntos que se referem à preservação do meio-ambiente. Foram doadas mudas de

jequitibá, paineira, pau-ferro, guarantã, peroba, pau-marfim e pau-rei que vão complementar o plano de arborização de ruas e logradouros públicos de Avaré e Lençóis Paulista.

O programa foi coordenado pela diretoria de Recursos Naturais da Ripasa e deverá ser estendido a outros municípios do Estado de São Paulo.

NOSSO PRINCIPAL PAPEL É MELHORAR O PAPEL DOS OUTROS.

Você sabe: papel para ser bom precisa usar caulim de qualidade. E a qualidade do caulim da Caolinita é garantida pela sua tecnologia: a mais avançada do setor. Com infra-estrutura aperfeiçoada ao longo de 30 anos de atividades, a Mineração Caolinita, hoje, é a maior

fornecedora de caulim branco especial com malha de 325 meshes, para a utilização na indústria de papel de imprimir e escrever. Nas jazidas do Quebra Coco e do Ubari, no município de Ubá, MG, as suas reservas garantem uma produção ininterrupta de 2.500 t/mês, com operação assegurada

por mais um século, mantendo sempre um elevado padrão de homogeneidade no seu produto. A Champion, a Simão, a Pirahy, a Santa Maria, a Ripasa, entre outras indústrias do setor, já usam o caulim da Mineração Caolinita. Isso dá a certeza de que ela está cumprindo bem o seu papel.

Características do caulim que a Mineração Caolinita produz:

FÍSICAS	
Alvura alta	≥ 85° GE
Alvura baixa	≥ 82° GE
Resíduo 200 meshes	≤ 0,08%
Resíduo 325 meshes	≤ 0,5%
Sedimentação 120 min.	25 a 60 ml mínimo
Absorção	15 ml H ₂ O/15 gr mínimo
Ph	3,0 - 4,5
Umidade	≤ 6%

QUÍMICAS	
SiO ₂	42,8%
Al ₂ O ₃	41,2%
Fe ₂ O ₃	0,18%
TiO ₂	< 0,05%
CaO	< 0,05%
MgO	< 0,03%
Na ₂	< 0,01%
K ₂ O	0,22%
PF	14,32%

GRANULOMÉTRICAS (Diâmetro das partículas)	
30 μ	95,7%
20 μ	87,5%
10 μ	64,9%
5 μ	42,2%
2 μ	20,5%

MINERAÇÃO CAOLINITA LTDA

Autorizada a funcionar como Empresa de Mineração pelo decreto n.º 35.417 de 29.04.1954

Fábrica Ubá:
Av. Pe. Arnaldo Jansen, 190
Tel.: (032) 532-2133
CEP 36500 Ubá - MG

Vendas Jundiaí:
Rua Bernardino de Campos, 40
4.º andar - conj. 46/47 - Tel.: (011) 436-5997
CEP 13200 Jundiaí - SP

ENCONTRO EM SP ANALISA O FUTURO DO MERCADO DE CELULOSE E PAPEL

“É QUASE CERTO que dentro dos próximos anos não venham a surgir no País novos projetos de porte no setor de celulose e papel”. Esta é a opinião de Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC, expressa durante a abertura oficial do 10º Fórum de Análise do Mercado de Celulose, Papel e Artes Gráficas, um encontro promovido em São Paulo, entre os dias 22 e 24 de maio, pela Anave — Associação Nacional dos Homens de Vendas em Celulose, Papel e Derivados.

O alto custo dos investimentos, a falta de base florestal adequada e o retorno incerto dos investimentos aos preços projetados, são alguns dos fatores que inibem o surgimento de projetos significativos no setor, argumenta o dirigente da ANFPC. “Só poderemos contar com a eventual expansão da capacidade existente através das inovações que vêm surgindo, como por exemplo, o uso de pastas de alto rendimento, a elevação dos teores de cinza e a umidade na fabricação de papéis, que permitem ao setor acomodar a situação futura de escassez de celulose química.” Cherkassky destaca ainda a iniciativa do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, com o objetivo de duplicar a produção anual da Aracruz Celulose para 920 mil toneladas, mediante investimentos de US\$ 400 milhões captados junto a grandes grupos empresariais do País.

A produção brasileira de celulose e papel cresceu, em 84, respectivamente, 9,4% e 10,2%, o que é um dos bons motivos, segundo Cherkassky para que o País elimine as ameaças que desestimulam os novos investimentos no setor. Entre elas, situam-se a compressão dos preços de celulose no mercado interno que penaliza as empresas produtoras, a ausência de vantagens que deixem os produtos brasileiros

competitivos no mercado exterior (elevados custos portuários, a crescente valorização do dólar e a retirada do crédito-prêmio do IPI), e a própria escassez da madeira e a elevação de seus preços.

CUSTO DO PAPEL - Entre os temas abordados no encontro em São Paulo, que aconteceu no auditório da Escola Senai Theobaldo De Nigris, destacam-se “Influência do Custo do Papel na Indústria Gráfica”, defendido por Daltro Lopes de Souza, gerente da Divisão de Marketing das Indústrias de Papéis Simão S.A.; e “Perspectivas da Indústria de Papel e Celulose a Nível Internacional”, apresentado por Valentin Suchek, diretor de Desenvolvimento da Jaako Poyry Engenharia Ltda.

Segundo o gerente de Marketing da Simão, a sociedade como um todo é afetada pelas altas taxas inflacionárias registradas nos últimos anos. E, diz ele, “é importante podermos discutir de forma transparente a realidade da influência do

custo do papel na indústria gráfica”. No futuro, se a situação atual persistir, é provável que a baixa remuneração do capital investido hoje, auferida pelos produtores de papel e celulose no Brasil em função do represamento dos preços, provoque um desequilíbrio entre a oferta e a demanda de celulose e papel no mercado. “Estudos feitos pela própria ANFPC — assegura o autor da palestra — indicam que o Brasil pode voltar a ser mais um importante importador de papel”.

Voltar a importar papel é uma situação que, certamente, não agrada nem a empresários, nem tampouco ao Governo. Para se evitar que ocorra tal situação, Daltro de Souza sugere que haja um reestudo dos preços de venda da celulose e do papel, visando a melhor remuneração do capital industrial, o que, conseqüentemente, permitirá a retomada dos investimentos do setor. Isso, provocaria o aumento da capacidade de produção do setor celulósico-papeleiro, impedindo que o Brasil volte a ser

um país importador dessas matérias-primas.

Já Valentin Suchek, ao falar das perspectivas internacionais do mercado, argumenta que é importante que os fabricantes concentrem esforços no sentido de expandir a participação da celulose a partir do *Eucalyptus*, uma vez que essa matéria-prima se consolidou junto aos importadores do produto brasileiro.

Essa maior expansão da fibra a partir do *Eucalyptus*, poderá vir a contribuir principalmente com os produtores de papel não-integrados, fazendo com que eles mantenham melhores condições de custo e qualidade para poder competir tanto no mercado interno como no externo.

“Espera-se que o Brasil tenha apenas modesta expansão de sua capacidade de produção de celulose. Mas, se a indústria investir no aproveitamento da fibra de *Eucalyptus* é possível ampliar essa produção e ganhar maior participação no concorrido mercado internacional”, conclui Suchek.

EM 85, AUMENTO DA PRODUÇÃO DE PAPEL PODE SUPERAR 10%

A PRODUÇÃO nacional de papel, que nos quatro primeiros meses do ano totalizou cerca de 1.291 mil toneladas - ficando 8,3% acima das 1.191 mil t produzidas em igual período do ano anterior -, deverá registrar até o final de 1985 um crescimento superior a 10%. A previsão é de Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC, que apóia sua expectativa no comportamento do mercado consumidor até abril de 1985.

Segundo o empresário, do total produzido até aquela data, 879.704 toneladas foram direcionadas para o mercado interno, representando um

acréscimo de 22% sobre as 721 mil toneladas consumidas até abril de 1984. Embora todos os tipos de papéis tenham registrado um bom desempenho no conjunto das vendas, merecem destaque os papéis de imprensa, com 67% de incremento, de impressão e de embalagem, com respectivamente 22,4% e 22,3% de acréscimo, e os cartões e cartolinas, com 23,7% de crescimento em relação ao período comparado.

O segmento de papel para imprimir e escrever deverá apresentar um substancial aumento da produção, em virtude dos investimentos já rea-

lizados pelo setor. A Companhia Suzano de Papel e Celulose e a Champion Papel e Celulose acabam de colocar em operação duas novas máquinas com capacidade para produzir, respectivamente, 275 e 250 toneladas diárias desse tipo de papel.

Cherkassky informou ainda que, até o final de 1985, a Companhia Papeleira do Sul expandirá sua produção em 100 t/ dia do mesmo tipo de papel. Também a Cocelpa, do Paraná, colocará em operação uma nova unidade, com capacidade para produzir 200 t diárias de papel para embalagem.

**UNIAO E TRABALHO, BINOMIO QUE NOS
FAZ FORTES POR UM BRASIL FORTE
HOJE E NO FUTURO.**



25
ANOS

CHAMPION
PAPEL E

DIRETORIA DA RIPASA RECEBE A IMPRENSA

APRESENTAR a nova filosofia de trabalho e a conduta profissional do Grupo que no início deste ano optou pela abertura de capital efetuada por meio de subscrição pública de ações foi o objetivo da diretoria da Ripasa S.A. Celulose e Papel ao reunir a imprensa numa entrevista coletiva realizada no dia 11 de junho último, na fábrica de Limeira (SP).

Os motivos que levaram a Ripasa a abrir seu capital, explicou o diretor-superintendente do Grupo, Osmar Elias Zogbi, foi a necessidade de modernizar a empresa me-

diante a captação de recursos no mercado aberto, a fim de se evitar a descapitalização de suas reservas e os empréstimos bancários. Hoje, acabou-se a fase do crédito oficial obtido de forma fácil e a custos beneficiados.

Mas, a abertura de capital traz outros compromissos e um deles, na opinião do superintendente do Grupo, é a nova postura profissional criada dentro da empresa. "Estamos convencidos de que uma das formas de iniciarmos as mudanças é tornar a Ripasa transparente, abrindo suas portas à imprensa e à opinião

pública para que tomem conhecimento de nossas atividades", conclui Osmar Zogbi.

Durante a coletiva, a Ripasa falou à imprensa de seus projetos de preservação ambiental, um deles elaborado por consultoria especializada de empresas nacionais e uma sueca, e aprovado pela Cetesb, que deverão ser implantados até o segundo semestre de 86. Este ano acham-se em execução as muretas de contenção e de um emissário de segurança que impedirá o derrame acidental de efluentes hídricos no Rio Piracicaba, além da construção de um

novo tratamento primário para efluentes líquidos, melhoramentos no tratamento biológico, instalação de precipitadores eletrostáticos, sistema de remoção de fibra, lavador de gases Venturi, entre outros equipamentos em fase de implantação.

Para falar com a imprensa estiveram também presentes os diretores: Técnico, Roberto Sozzi de Lacerda; Industrial, da Ripasa em Limeira, Silvio Rachid; de Recursos Naturais, Nelson Barbosa Leite; e de Desenvolvimento, Paulo Bastos Cruz Filho.

EMBALAGEM DE ALIMENTOS

O INSTITUTO de Tecnologia de Alimentos ITAL, de Campinas, realiza dias 1 e 2 de agosto o II Círculo de Debates sobre o tema "A embalagem de alimentos no Brasil". Dentre os especialistas convidados a discutir o assunto está Armando Mesnik, diretor-superintendente da Celucat, que analisará o estágio de desenvolvimento das embalagens de papel em nosso País.

Na oportunidade, Mesnik

falará a respeito das pesquisas que o Instituto vem desenvolvendo em convênio com a ANFPC, desde 1973, especialmente no campo de embalagens de papel e papelão para farinha de trigo, feijão, milho e outros cereais. O diretor da Celucat afirma serem os sacos multifoliados de kraft usados na embalagem de rações animais muito mais seguros do que as embalagens de tecido em que é armazenada a farinha de

trigo destinada ao consumo humano, "pois não há perigo de contaminação". Os órgãos governamentais competentes precisam colocar em prática os resultados dos estudos desenvolvidos pelo ITAL e pelo Instituto Biológico de São Paulo, que demonstram, por exemplo, que o café verde guardado em sacos de kraft não perde seu aroma, mesmo quando estocado por vários anos — conclui Mesnik.

KLABIN MUDA RAZÃO SOCIAL

POR DELIBERAÇÃO da Assembléia Geral Ordinária e Extraordinária realizada dia 15 de abril passado, cuja ata foi registrada na Jucesp sob o número 47.206/85 e publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo, em 9 de maio de 1985, a denominação social de Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A. foi alterada para IKPC - Indústrias Klabin de Papel e Celulose S.A.

NOVO PROCESSO PARA RECICLAGEM DE PAPEL

HEIKKI MAMERS, da CSIRO - Division of Chemical Technology, da Austrália, desenvolveu um processo simples para reaproveitar qualquer tipo de papel, papelão, etc. No sistema de Heikki todo o material usado passa por um "digeridor" e depois é submetido a uma pressão elevada que provoca

a separação das fibras. Com esse sistema, os papéis 'velhos' são transformados em polpa para se produzir um novo papel. Os interessados em obter maiores detalhes e possíveis licenças de fabricação podem escrever para CSIRO - Division of Chemical Technology, P.O. Box 310, South Melbourne, Austrália.

RECONHECIDA A QUALIDADE DO PAPEL REPROGRÁFICO

AXEROX do Brasil S.A. acaba de conceder à Champion Papel e Celulose o diploma de "Fornecedor Padrão", em reconhecimento à alta qualidade do papel reprográfico produzido pela empresa.

Para John Warren, diretor-comercial da Champion, a distinção "é o reconheci-

to ao elevado estágio técnico atingido pela empresa, num trabalho conjunto com a Xerox do Brasil." A Champion está completando 25 anos de Brasil e deve colocar mais uma unidade em operação para aumentar em 100 mil toneladas/ano a sua produção de papéis para imprimir e escrever.

EMPOSSADA A DIRETORIA DA ARBRA

ATHOS de Santa Thereza Abilhoa foi empossado, em 30 de maio último, presidente da Arbra - Associação Brasileira de Empresas de Reflorestamento, durante a Assembléia Geral Extraordinária realizada na sede social da entidade, em Brasília. Athos Abilhoa é diretor-administrativo e financeiro da Compet - Agro-Florestal S.A., uma empresa do Grupo Bozano Simonsen e do Grupo De Pauli, do Paraná.

Na gestão anterior, o atual

presidente da Arbra foi diretor jurídico da Associação.

Os 1º vice-presidentes, que também tomaram posse no dia 11 de junho, são: Telmo de Azevedo, da Associação Sul Riograndense de Reflorestamento; Marcellio Caron Neto, da Associação Catarinense; Léo Chueri, da Associação Paulista; Gladsen Guerra de Resende, e João Lima Geo, ambos da Associação Mineira das Empresas Florestais.

FEDERAL RETOMA SUAS ATIVIDADES

OJUIZ da 4ª Vara de Falência e Concordatas do Rio de Janeiro suspendeu o pedido de falência decretada em final de 83, e devolveu a Companhia Federal de Fundação a seus antigos donos. E, a empresa já conseguiu fechar dois contratos para fornecer equipamentos para processar papel e celulose para a Companhia Paduana de Papéis e para a Companhia Nordesteira de Papel, de João Pessoa, uma empresa do Grupo Votorantim.

Segundo Alberto Rodrigues Bento, assistente da diretoria da Federal, a empresa se comprometeu a liquidar todos os seus compromissos no prazo de dois anos, sendo 40% no primeiro ano e 60% no segundo. Para isso ela deverá investir na venda de seus produtos ao mercado interno e também retomar seu pulso nas exportações. Os antigos consumidores da Argentina; Chile e Equador já estão sendo procurados.

SUZANO RECEBE PRÊMIO MAUÁ

UM JÚRI formado por setenta profissionais ligados ao mercado de ações escolheu a Companhia Suzano de Papel e Celulose como a empresa que melhor se comunicou e atendeu às demandas do público investidor no ano passado. Por essa indicação, a Suzano recebeu o Prêmio Mauá 84, instituído há dez anos pela Bolsa de Valores do Rio, pela Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca) e pelo Jornal do Brasil.

O prêmio foi entregue, na noite de 14 de junho último, em cerimônia realizada no auditório da Bolsa do Rio, aos diretores da empresa Max Leon Feffer e Bóris Tabacof. A entrega do prêmio coincidiu com a data de comemoração dos 140 anos de fundação da Bolsa.

Max Leon Feffer, ao receber o Prêmio Mauá, salientou que desde 1980, quando a Suzano abriu seu capital e optou pelo alinhamento com as empresas que apostam no sucesso da livre iniciativa no País, a empresa se conscientizou de sua função social e, sem abrir mão ou minimizar os conceitos de justa remunera-

ção do capital, passou a adotar uma cultura empresarial de transparência e responsabilidade pela boa gestão do capital que constitui sua existência.

Criada em 1923, a Suzano produz atualmente 950 toneladas/dia de celulose e 1 mil 150 toneladas/dia de papéis de imprimir, escrever e emba-

lar. No primeiro trimestre deste ano, a empresa faturou Cr\$ 221,64 bilhões, contra Cr\$ 59,8 bilhões em igual período de 84.

LIMITE PARA REFLORESTAMENTO INCENTIVADO É BAIXO DEMAIS

NO INÍCIO de junho o ministro da Agricultura, Pedro Simon, baixou portaria estabelecendo os limites para a aprovação de novos projetos de reflorestamento incentivado. Só serão aprovados, este ano, projetos até o limite de 260 mil ha, ao passo que em 1984 esse limite era de 284 mil ha.

Segundo a portaria publicada dia 11 de junho no Diário Oficial da União, para a classe "A" - eucaliptus spp, pinus spp, acácia negra e araucária - as áreas máximas, por empresa ou grupo de empresas, não poderão ultrapassar 3.500 ha por essência.

Para a celulose, as empresas industriais ou associadas terão um máximo de 42 mil ha de novos reflorestamentos

incentivados. Outros 8 mil ha serão destinados a empresas sem vínculo industrial, totalizando 50 mil ha - um montante considerado excessiva-

mente modesto pelos empresários do setor de celulose e papel, que temem a falta de matéria-prima florestal em futuro próximo.

IBDF TEM NOVO PRESIDENTE

EM 15 DE MAIO último, Marcelo Palmério assumiu a presidência do IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Palmério exerce também as funções de Reitor da Sociedade Educacional Uberabense - SIUBE, de diretor-presidente das empresas Vale do Rio Grande Reflorestamento S.A.,

Agrotec Empreendimento Agro-Pecuários Ltda., Agro-Florestal Globo Ltda., Agro-Florestal Santa Cecília Ltda., Canabrava Agro-Pecuária Ltda., Frutil-Florestamento e Fruticultura Ltda., Hyléa-Agrícola e Pecuária Ltda. e Projecta Assistência Global S/C Ltda.

SETOR DIVULGA O RELATÓRIO ESTATÍSTICO 84



A PRODUÇÃO BRASILEIRA de papéis cresceu 9,5% em 1984. No mesmo período, o segmento de celulose apresentou um aumento em sua produção da ordem de 10%. Os dois resultados, considerados excelentes, foram superiores aos dos últimos quatro anos, vindo a caracterizar um ano favorável para o setor celulósico-papeleiro.

Estas informações, reveladas pelo Relatório Estatístico 84 da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC), lançado em julho, foram colhidas junto aos fabricantes de 16 Estados, envolvendo 156 fábricas de papel, 38 de pastas químicas (celulose) e 47 de pastas mecânicas, que representam, aproximadamente, 95% do universo. Elaborado pelo GT-6 - Normas, Planejamento e Estatística, sob a coordenação de Marcello L. Pilar, que desde 1965 vem acompanhando, passo a passo, as atividades da indústria papeleira em seus aspectos de produção e comercialização, o Relatório aponta ainda o avanço do setor no mercado externo, onde se registrou um crescimento de 59% nas vendas de papel em relação ao ano anterior. A exportação de papel atingiu, no ano passado, cerca de 703 mil

toneladas, com receita de US\$ 345 milhões.

Com relação à celulose, as exportações chegaram a 982 mil toneladas. Embora esse volume não represente um aumento com relação a 83, essa situação não impediu que o segmento obtivesse uma receita de US\$ 398 milhões, ou seja, 28% acima do ano anterior, liderando, assim, as exportações de produtos semi-manufaturados no ano passado. No total, as vendas externas de papel e celulose atingiram US\$ 743 milhões.

NOVOS INVESTIMENTOS — Ainda de acordo com o Relatório Estatístico, o mais recente investimento do setor foi a implantação da PISA - Papel de Imprensa S/A, que entrou em operação este ano, e significará uma economia anual na importação brasileira de papel imprensa da ordem de US\$ 60 milhões. Destaque também para a CPS - Cia. Papeleira do Sul - em fase final de instalação - e para as máquinas de papel da Champion, Suzano, Cocelpa e Miguel Forte.

A utilização de novas fontes de energia continua sendo pesquisada. O programa de redução do consumo de combustíveis derivados de petróleo, pela adoção de energéticos alter-

nativos, como a biomassa florestal, o carvão mineral e a energia elétrica, continua em evidência na pauta do setor. De 79 a 84, essa redução foi de 57,4%, representando uma economia de US\$ 930 milhões.

Quanto ao período de 85, esse substancial trabalho do GT-6 traz em seu universo estatístico um apêndice do primeiro trimestre, com alguns dados sócio-econômicos do setor, que já tem um planejamento de suas atividades até 1995. Para isso, foi elaborado um documento pela ANFPC, em conjunto com a APFPC, BNDES, CDI, SEAP, FIESP, com a colaboração do Grupo de Debates sobre Planejamento Estratégico, que se reúne no IPT.

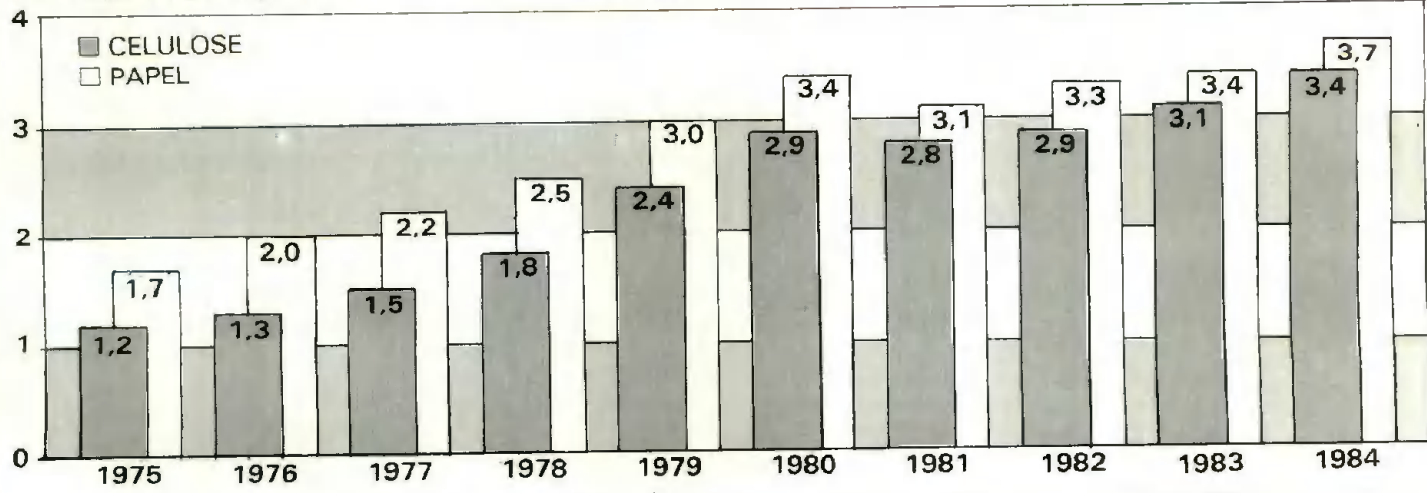
Após uma análise pormenorizada, verificou-se que, em relação à indústria de celulose e papel, as perspectivas de novos projetos de grande porte apresentam-se limitadas no momento, devido ao alto custo dos investimentos, à falta de base florestal adequada e ao incerto retorno dos investimentos ao preço projetado.

Segundo Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC, "esses elementos inibidores de implantação de novos projetos indicam que talvez só possamos contar com a

expansão eventual da capacidade existente, aspecto que valoriza sobremaneira a introdução de inovações como, por exemplo, o maior uso da pasta de alto rendimento e a elevação dos teores de cinza e umidade na fabricação de papéis".

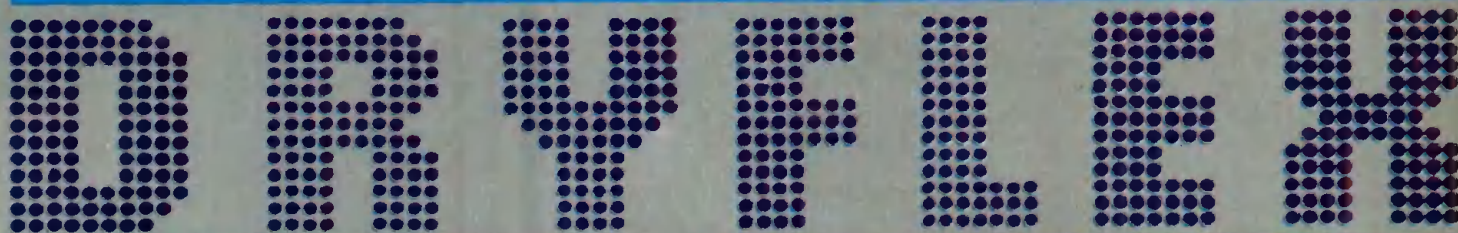
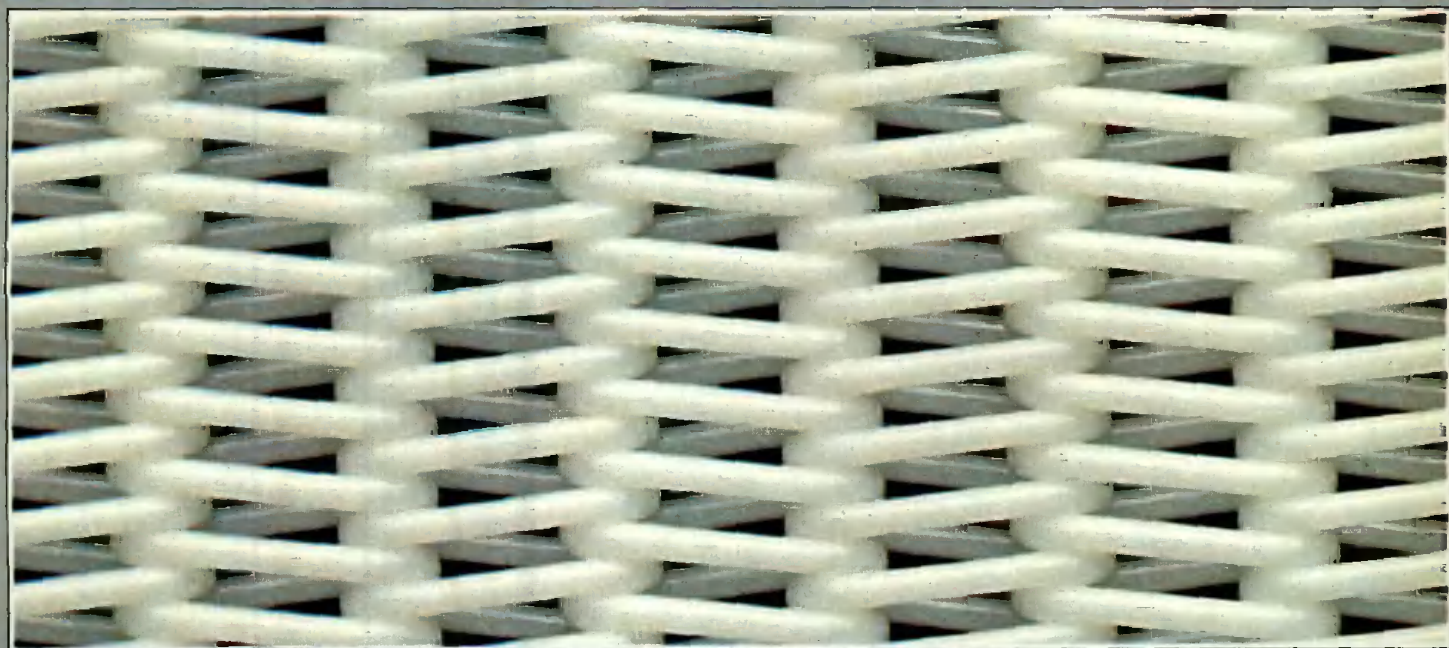
Contudo, Cherkassky revela-se otimista, ao admitir que o potencial de crescimento do setor é bastante expressivo. Para que esse futuro seja promissor, é necessário eliminar algumas ameaças que pairam sobre o setor, inibindo as possibilidades de novos investimentos. Dentre elas, o empresário destaca a compressão dos preços de celulose no mercado interno, "que penaliza as empresas produtoras" e a ausência de vantagens comparativas do Brasil em relação aos seus concorrentes internacionais para suprir o mercado externo, "como os elevados custos portuários", a crescente valorização do dólar, o alto custo dos insumos de financiamentos das exportações e a retirada do crédito-prêmio do IPI.

Evolução da produção brasileira, em milhões de toneladas



DRYFLEX

uma nova geração
de telas secadoras



A Albany International na vanguarda dos desenvolvimentos tecnológicos. A qualidade DRYFLEX é sistematicamente comprovada desde a pioneira instalação de telas aspirais pela Albany International - Brasil em Nov/82. A tela DRYFLEX foi desenvolvida a partir dos avanços das emendas com espirais. Possui maior resistência ao desgaste. Devido à sua maior permeabilidade proporciona melhor ventilação e secagem. E é fácil de limpar pois suas estruturas são mais abertas que as telas tradicionais. DRYFLEX possui área de contato muito maior que as telas tecidas, permitindo maior transferência de calor, melhor secagem, menor consumo de energia e diminui o risco de marcação. Sua superfície é suave, uniforme e flexível. Com sua oreola especial permite guiamento fácil com qualquer sistema. DRYFLEX: revolução em termos de telas secadoras.

PAPÉIS PARA EMBALAGENS PARTEM EM BUSCA DE NOVOS MERCADOS

Os industriais deste segmento mostram-se otimistas em relação ao desempenho futuro e vislumbram a possibilidade de passar a atender à importante fatia de mercado representada pelo setor açucareiro.

NO PRIMEIRO TRIMESTRE de 1985 as vendas de papéis para embalagem no mercado doméstico ultrapassaram a 234 mil toneladas, registrando um crescimento de 24,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. Por sua vez, a produção brasileira deste segmento cresceu 7,2% nos quatro primeiros meses deste ano, em comparação com igual período de 1984.

Os produtores de papéis para embalagem mostram-se otimistas em relação ao desempenho futuro, tanto mais que vislumbram a possibilidade de conquistar outra importante fatia do mercado, representada pelos sacos multifoliados de papel kraft para acondicionamento de 50 quilos de açúcar cristal. Como se sabe, o Brasil é um dos únicos países que ainda usa sacaria de algodão para embalar o produto. A safra estimada para 1985 em 120 milhões de sacos de açúcar cristal responderia por um consumo de papel da ordem de 55 mil toneladas - o equivalente à capacidade de uma grande indústria do setor papeleiro.

Há motivos de sobra para se acreditar que o governo da Nova República acabe com essa injustificada reserva de mercado, que só favorece uma pequena parcela - cerca de 3,5% - da indústria têxtil. Afinal, numa época em que as autoridades se mostram particularmente empe-

nhadas em reduzir o déficit do setor público, inclusive por meio da retirada de subsídios ao setor açucareiro, a adoção dos sacos multifoliados de kraft permitiria aos usineiros uma economia da ordem de Cr\$ 3.500 por unidade - fruto da diferença hoje existente entre o preço da sacaria de algodão e a de papel. Ou seja, o

País poderá economizar Cr\$ 420 bilhões, caso o Instituto do Açúcar e do Alcool venha a liberar o uso de sacos multifoliados de kraft para embalagem de 50 quilos de açúcar destinados ao mercado interno.

A indústria de papel para embalagem sofreu nos últimos anos os reflexos da redução do nível de atividade que se verificou na construção civil, já que o segmento cimenteiro - principal consumidor de sacos multifoliados - chegou a operar com até 50% de ociosidade. O reaquecimento da indústria da construção civil, preconizado pelo governo tendo em vista a grande capacidade de absorção de mão-de-obra deste setor e que possibilitaria aumentar a demanda interna de papel kraft, acha-se na dependência da reformulação das estratégias do Sistema Financeiro da Habitação.

Horácio Cherkassky, presidente da ANFPC, argumenta que o desempenho do segmento de embalagens, sobretudo no que se refere às caixas de papelão, está intimamente ligado ao crescimento das atividades industriais do País. "Nos últimos anos - diz ele - o setor investiu no aumento de sua capacidade instalada e na qualidade de seus produtos. Está, portanto, apto a atender o incremento da demanda que virá com o desenvolvimento da economia brasileira".



**HORÁCIO
CHERKASSKY:**
Nos últimos anos o segmento investiu no aumento de sua capacidade instalada e na qualidade de seus produtos.

EXPORTAÇÕES - Em 1984, do total de 1,769 milhão de toneladas de papéis para embalagem produzido internamente, o Brasil exportou 265.154 toneladas - cerca de 122% a mais do que em 1983 - que, de acordo com os dados fornecidos pela Cacex, geraram US\$ 86,3 milhões FOB. Esses expressivos resultados foram obtidos graças à grande competitividade do produto brasileiro nos mercados internacionais, onde o País está se consolidando como um dos principais fornecedores. No primeiro trimestre de 1985, as vendas externas desse segmento situaram-se no patamar de 32 mil toneladas.

Segundo Jahyr de Castro, coordenador do GT-5 - Papéis para Embalagem - e diretor de vendas de Indústrias Klabin de Papel e Celulose S/A - IKPC, as empresas buscaram no mercado externo a compensação para a retração do mercado interno, que só deu mostras de recuperação na segunda metade de 1984. A competitividade brasileira, no entanto, em 1985, está sendo prejudicada pela valorização do dólar norte-americano frente às demais moedas, sobretudo no seu principal mercado, a Europa, fazendo com que as empresas exportadoras procurem novos mercados no Exterior e atuem de maneira mais agressiva no Brasil.

“Na verdade, a economia norte-ame-



FERNANDO CAMARGO:

Nossa atuação no mercado interno continua evoluindo favoravelmente, compensando eventuais retrações na exportação.

ricana em 84 vinha se expandindo em função da necessidade de Ronald Reagan se reeleger. Tão logo se viu novamente na presidência dos Estados Unidos, Reagan adotou uma série de medidas recessivas visando à redução do déficit comercial de seu país e do ritmo de atividade industrial. Com isso, os produtores norte-americanos de papel kraft retomaram as ex-

portações para a Europa, fazendo com que os estoques europeus atingissem seu limite máximo já no início de dezembro”, diz Rubens P. Cunha, gerente geral de comercialização da Manville Produtos Florestais Ltda.

No caso específico do kraftliner, usado na confecção de caixas de papelão, o preço FOB caiu de US\$ 350 por tonelada para US\$ 220 no último bimestre de 84, mantendo-se nesse nível até hoje - revela o gerente da Manville. Essa queda na cotação internacional dos papéis de embalagem deu-se em função do aumento de estoque junto aos convertedores e da atuação dos produtores internacionais, principalmente os norte-americanos.

“Para fazer face à alta do dólar e recuperar nossa competitividade passamos a exportar na moeda do país importador”, argumenta Fernando Camargo, diretor comercial de IKPC. “Adotamos também uma política mais agressiva de vendas no Exterior, lá mantendo adequado estoque para entregas a curto prazo, inclusive abrindo novos mercados. Por outro lado, nossa atuação no mercado interno continua evoluindo favoravelmente, o que nos permitirá compensar eventuais reduções nas vendas externas”, afirma ele.

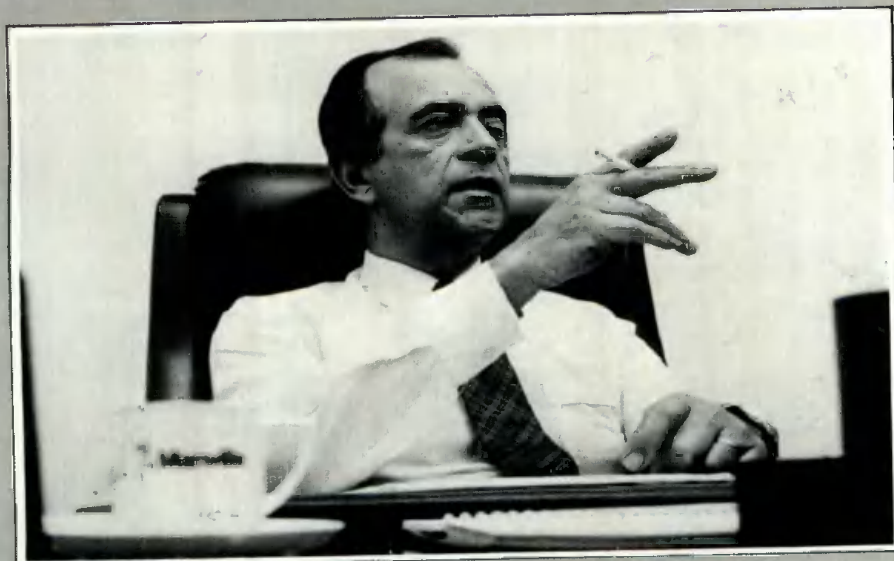
Outro fator que está contribuindo para que o produto brasileiro reduza sua competitividade no Exterior, na opinião de Lenomir Trombini, diretor-presidente



JAHYR DE CASTRO:

Empresas buscaram no mercado externo a compensação para a diminuição das vendas domésticas.

Uma política mais agressiva no Exterior



RUBENS P. CUNHA:
Aprimoramos nossos produtos a fim de torná-los adequados aos exigentes padrões europeus.

da Facelpa-Fábrica de Celulose e Papel, foi paulatina retirada do crédito-prêmio do IPI anteriormente concedido aos exportadores, extinto em março último. Sua empresa, em 1984, exportou 24.900 toneladas de papel para miolo de caixas de papelão ondulado.

Já na opinião de Gilberto Marcos Garcia, diretor comercial da Indústria de Papéis Santo Amaro, da Bahia, "o fim do crédito-prêmio apenas reduziu a margem de negociação das empresas". Garcia destaca que o segmento de embalagens não necessita de subsídios para manter seu produto competitivo, "mas de uma política cambial adequada" - ponto de vista semelhante ao externado por Luís Fernando Gomes Franco, diretor da Celulose Irani, de Porto Alegre, e presidente do Sindicato das Indústrias de Papel e Celulose do Rio Grande do Sul, ao defender a necessidade de as autoridades brasileiras "ajustarem a paridade de nossa moeda de forma mais rápida".

Mas, se o fim do crédito-prêmio trouxe novas dificuldades para alguns exportadores, o mesmo não se pode dizer do elevado valor do frete e dos altos custos dos serviços portuários, problema crônico do País. "As taxas de armazenagem e capatazia em nossos portos chegam em alguns casos ao triplo do que é estabelecido em outros países", assegura Gilberto Garcia, que também se queixa da baixa

frequência de navios nos portos brasileiros, sobretudo na região Nordeste.

"O frete tem uma incidência de até 35% no custo do nosso produto, contra apenas 15% nos países do hemisfério Norte", acrescenta Lenomir Trombini, para quem "é fundamental que o Brasil implemente a mesma política de apoio às exportações adotada pelos países que

concorrem conosco no mercado internacional".

Com planos de expandir sua produção visando a comercializar seus produtos também no mercado externo, a Cia. Indústrias Brasileiras Portela, segundo o seu superintendente comercial, Luiz Augusto Queiroz de Figueiredo, terá de se defrontar "com a falta de navios, com linhas regulares, em portos próximos às nossas fábricas, localizadas em Coelho Neto (MA) e Jaboatão (PE)". Por essa razão a empresa, que no segmento de embalagem fabrica papel miolo, capa, clupak e kraft, além das próprias caixas de papelão e sacos multifoliados, vem voltando sua atuação mais para o mercado doméstico.

De qualquer modo, uma das sugestões dos fabricantes para reduzir o frete é a formação de *pools* de exportadores, com o objetivo de aumentar a tonelage por embarque. A esse respeito afirma Gilberto Garcia: "A centralização da política de transportes marítimos nas mãos da Sunamam, que pratica preços das Conferências de Fretes - acima da realidade - e não permite a livre negociação entre exportadores e as companhias de navegação, é sério problema. Só quando tivermos condições de negociar diretamente é que se poderá reduzir os custos de frete".

O diretor comercial da Santo Amaro, cuja unidade fabril se localiza na cidade



LENOMIR TROMBINI:
A extinção do crédito-prêmio do IPI contribuiu para inibir a nossa competitividade no Exterior.

do mesmo nome, distante cerca de 80 quilômetros de Salvador, informa ainda que os fretes cobrados nessa praça situam-se muito acima dos praticados em Santos (SP) ou Paranaguá (PR). As quantidades embarcadas são geralmente inferiores às do Sul do País e, por esse motivo, "chegamos a pagar, só de frete, até 50% do valor FOB do produto". Para compensar essa desvantagem a Santo Amaro não se utiliza de armazéns gerais para estocar o papel destinado ao Exterior: o produto é armazenado na própria fábrica, seguindo diretamente para o cais algumas horas antes do embarque.

Com uma produção de 150 toneladas/dia de papel kraft natural - para a fabricação de sacos multifoliados e de supermercados - e branco - para a embalagem de produtos alimentícios -, a Indústria de Papéis Santo Amaro investiu no aproveitamento de fibras não-convencionais, como bambu, pinus tropical e sisal, abundantes na região, e desenvolveu seu próprio *know-how* para produzir papéis de alta resistência. Se nas primeiras tentativas para exportar, há 18 meses, a empresa enfrentou certa resistência dos potenciais compradores em função de o papel ser produzido com matéria-prima não convencional, hoje isso não mais ocorre. Com o seu papel já batizado, por um consumidor inglês, de "kraft exótico", a Santo Amaro espera vender ao



GILBERTO MARCOS GARCIA:

A centralização da política de transportes marítimos, pela Sunamam, é um sério problema para a livre negociação.

Exterior de 20 a 30% de sua produção em 1985. A empresa manteve neste primeiro semestre os mesmos volumes de exportação que os registrados em igual período de 84, tendo o preço médio aumentado US\$ 60 por tonelada - destaca Garcia.

Na batalha para conquistar o consumidor internacional, as empresas do Brasil não têm poupado esforços para me-

lhorar a qualidade do produto. Até o ano passado, as principais exigências dos importadores diziam respeito à resistência das caixas de papelão ao rasgo ou estouro. Com base em novas normas técnicas internacionais, que exigem das caixas de papelão maior resistência à compressão provocada pelo empilhamento e, ainda, à vibração dos caminhões em que são transportadas, a Klabin desenvolveu novos produtos, que contêm maior porcentagem de fibra curta, o que confere maior resistência ao papelão. O Eukaliner, um de seus recentes lançamentos, está obtendo grande aceitação no mercado internacional.

A Manville, por seu turno, resolveu adaptar o kraftliner de sua produção à mesma gramatura do papel europeu. "Com isso, nosso kraftliner de 125 gramas é hoje tão resistente quanto o 140 gramas que antes produzíamos, com a vantagem de estarmos poupando matéria-prima fibrosa", diz Rubens Cunha. Ele esclarece também que foi necessário aprimorar a lavagem da celulose, por meio do uso de aditivos químicos, a fim de conferir ao kraft "uma tonalidade mais clara, aos níveis do exigente mercado europeu".

Mas não somente ao campo tecnológico têm-se limitado os esforços dos grandes exportadores: a Klabin lançou mão de uma arrojada política de marketing a



LUIS FERNANDO GOMES FRANCO:

É necessário que as autoridades brasileiras ajustem a paridade do cruzeiro de maneira mais rápida.

fim de se tornar mais competitiva na Europa. Abriu escritórios em Hamburgo (Alemanha) e Antuérpia (Bélgica), onde mantém seus produtos em estoque - o que lhe permite embarcar no Brasil maiores volumes, reduzindo o frete - e uma equipe de assistência técnica. "Dispensamos um bom nível de serviços a todos os nossos clientes", diz Fernando Camargo, que não tem dúvidas quanto aos resultados da estratégia dotada por IKPC, empresa que juntamente com a Manville responde por 80% das exportações brasileiras de papel kraftliner.

MERCADO INTERNO - Neste ano, o mercado interno está reagindo favoravelmente. Das 455.272 toneladas dos vários tipos de papel para embalagem produzidas de janeiro a março deste ano, 234.467 foram colocadas no mercado doméstico, que evoluiu 24,3% em relação aos três primeiros meses do ano anterior, quando foram comercializadas 188.699 toneladas. Porém, na opinião dos especialistas consultados, a capacidade instalada de produção do setor permite a conquista de novos mercados, como é o caso dos sacos de papel para açúcar.

Em relação ao pleito do setor papelreiro, para que seja permitido o uso de sacos de papel na embalagem de 50 quilos de açúcar, o diretor da Iguazu Celulose e



JOSÉ CARLOS PISANI:

Sempre esbarramos no lobby da indústria têxtil. Nós estamos reivindicando o direito de competir.

Papel e presidente do Sindicato dos Fabricantes de Papel e Celulose de Santa Catarina, José Carlos Pisani é enfático: "Sempre esbarramos no lobby da indústria têxtil. O que estamos reivindicando do governo é tão somente o direito de competir em igualdade de condições. Nossa intenção é que o usineiro opte pela embalagem mais adequada técnica e

economicamente".

Já a respeito da concorrência do plástico no segmento de sacos para supermercados, Pisani afirma ser "simplesmente inconcebível que a nafta - usada pela indústria de plásticos - seja subsidiada, mesmo que indiretamente". Para ele, todo e qualquer subsídio deveria ser extinto de todos os setores produtivos do País, já que "cada empresa, numa economia de mercado, deve ser capaz de caminhar sozinha".

Segundo o diretor comercial da Santo Amaro, tal situação não teria ocorrido se a Copene e a Copesul, fabricantes de resinas poliolefínicas, recebessem a nafta "ao preço real de mercado, que era de Cr\$ 2.630 / litro em julho de 85, e não a Cr\$ 530". De qualquer forma, diz ele, a exemplo do que ocorreu nos Estados Unidos, onde tempos atrás houve verdadeira febre dos supermercados por embalagens plásticas, e em seguida uma grande redução em seu uso, o mesmo deverá ocorrer no Brasil nos próximos anos.

Com a produção dos próximos 60 dias totalmente colocada, a Manville acredita nas exportações. Com essa filosofia, a empresa vem abrindo novos mercados, vendendo seus produtos para países da África e Oriente Médio e espera concluir ainda em 85 uma operação *barter*, pela qual receberá petróleo de um país centro-americano, em troca de seu papel.



JOSÉ CARLOS DE CASTRO RIOS:

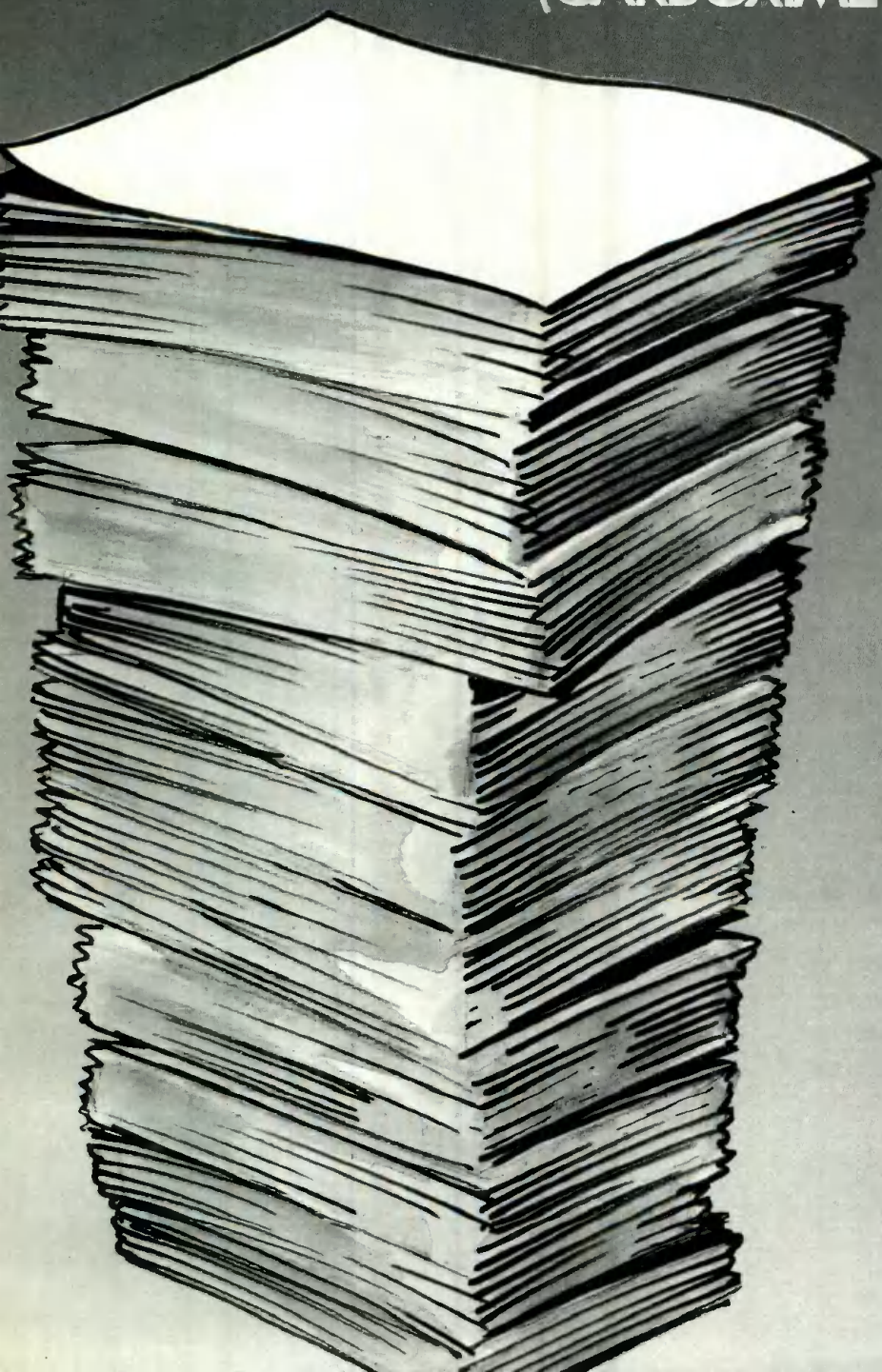
Numa safra de 120 milhões de sacos de açúcar de 50 quilos, uso de sacaria de papel economizaria Cr\$ 420 bilhões.

Governo deve pôr fim aos subsídios

Papel com qualidade
é papel com

SOLUFLEX®

(CARBOXIMETILAMIDO)



Soluflex é um polímero solúvel em água já largamente usado na indústria de papel com diversas aplicações na massa, no coating e no size press.

O uso do Soluflex apresenta, entre muitas, as seguintes vantagens:

- Redução de cola de breu
- Maior retenção de finos e cargas
- Redução do consumo de energia na refinação
- Aumento do nível de drenagem
- Melhoria da formação
- Aumento da tração longitudinal e rasgo
- Redução do consumo de vapor
- Sensível aumento de produção

As características reativas das fibras de celulose são enriquecidas com a adição do Soluflex, tornando-se quase indispensável o seu uso em papéis em que se requer alto grau de refino.

Nosso Depto. Técnico está à disposição para qualquer orientação técnica necessária.

STAUCEL
PRODUTOS QUÍMICOS LTDA.

Representantes exclusivos:
Blau Representantes Associados S/C Ltda.
Av. Brig. Faria Lima, 1106 - 10.º andar - Cj. 1002/5
Tel. (011) 814-7088 - Telex (011) 37167
São Paulo - SP

O segmento de papéis para embalagem, responsável por cerca de 48% da produção brasileira de papéis em 1984,

apresenta portanto um grande potencial de crescimento nos próximos anos, tanto no mercado externo como no doméstico - tendo em vista as taxas previstas de crescimento da economia do País.

O PAPEL NA EMBALAGEM DO AÇÚCAR

DIA 3 DE JUNHO último uma comissão de líderes empresariais dos setores celulósico-papeleiro e de fabricação de artefatos de papel entregou ao ministro da Indústria e Comércio, Roberto Gusmão, documento reivindicando a suspensão da obrigatoriedade do uso exclusivo de sacaria de algodão para o acondicionamento de 50 quilos de açúcar destinado ao mercado interno.

O documento, encaminhado em nome da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, da Associação Brasileira dos Fabricantes de Sacos de Papel e da Associação dos Produtores de Celulose, Papel e Artefatos do Norte e Nordeste, destaca que o Brasil é um dos raros países onde, a despeito das inúmeras vantagens técnicas e econômicas que os sacos multifoliados de papel apresentam, ainda não se adotou o papel kraft para embalagem de açúcar.

Segundo José Carlos de Castro Rios, estudioso da questão, entre 1974 e 1982 a sacaria de algodão sempre esteve cerca de três vezes mais cara que a de papel, situação que recentemente se tornou ainda mais favorável para a embalagem de papel: "Hoje, enquanto o saco de algodão custa cerca de Cr\$ 4.700, a sacaria de papel para os mesmos 50 quilos de açúcar cristal está por volta de Cr\$ 1.200, o que resulta numa diferença de Cr\$ 3.500 por saco. Numa safra estimada em 120 milhões de sacos para açúcar cristal no mercado interno, isso representaria uma economia da ordem de Cr\$ 420 bilhões", ressalta Castro Rios. Para ele, esse valor poderia ficar com os usineiros — o que constituiria uma forma de compensação aos subsídios que estão sendo eliminados, pelo governo, do setor açucareiro.

OUTROS FATORES - Outro ponto favorável à utilização dos sacos multifoliados de kraft para embalagem de açúcar é

que, ao contrário da sacaria de algodão — cujas fibras poderiam ser destinadas a fins mais nobres —, a matéria-prima necessária à sua fabricação não tem sua oferta sujeita às influências climáticas. "Isso, para não falarmos na possibilidade de contaminação do açúcar por fatores externos, através das malhas do tecido, que é afastada quando se usa o saco de papel", destaca o especialista, que se mostra inconformado com a atual reserva de mercado para a sacaria de algodão: "Não estamos pedindo privilégios. Só gostaríamos que fosse dada aos usineiros a oportunidade de escolher livremente a embalagem que melhor se adapte, técnica e economicamente, aos seus produtos".

Também os técnicos internacionais que recentemente participaram, em São Paulo, do Simpósio Internacional sobre Açúcar e Alcool, organizado pela Copersucar, ficaram surpresos ao constatar que o Brasil não usa sacos multifoliados de papel para embalagem de açúcar, conforme revela ampla matéria a respeito, publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* dia 9 de julho último.

Um dos especialistas presentes, John Nuttal, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, assim justificou o uso de papel na embalagem de açúcar em seu país: "Temos que atentar para a qualidade do produto. Isto vale tanto para o açúcar de beterraba, que produzimos, quanto para o de cana, que importamos. Preferimos o papel porque ele mantém a pureza do produto e é uma alternativa econômica mais viável."

Por sua vez, o representante da França, Jacques Bachelier, afirmou que a Comunidade Econômica Européia tem várias opções para embalar o açúcar — a CEE passou de importadora a exportadora do produto nos últimos anos —, "mas a alternativa mais procurada é o papel porque o produto só continua tendo boa aceitação quando não apresenta aspecto nem gosto alterados. E isso é possível com a utilização de embalagens como as de papel", concluiu.

SUPERMERCADOS - A par da expectativa de passar a fornecer para o setor açucareiro, o segmento de papéis para embalagem volta sua atenção para outros importantes mercados, como o de sacos de saída de supermercados e o de sacos multifoliados para embalagem de farinha. Segundo Castro Rios, perde-se atualmente cerca de 1 quilo de farinha por saco de 50 quilos, que fica preso às malhas da sacaria de polipropileno ou de algodão. "Não haveria esse desperdício se fossem usados sacos multifoliados de papel", afirma.

Já em relação aos sacos de saída de supermercados, Castro Rios afirma que os produtores de kraft estão enfrentando concorrência dos fabricantes de sacos em polietileno de alta densidade. A nafta, principal matéria-prima que entra na composição desses sacos plásticos, recebe indiretamente subsídios da ordem de 420%".

A ANFPC, através do GT-5 - grupo de trabalho que cuida de "Papéis para Embalagens", reuniu-se dia 9 de julho último, em São Paulo, com representantes da Associação Brasileira dos Fabricantes de Sacos de Papel, para desenvolver um plano conjunto de defesa dos seus mercados tradicionais.

DE EMPRESAS TERÇA-FEIRA — 9 DE JULHO DE 1983

Técnicos sugerem nova embalagem para o açúcar

O Brasil é um dos raros países que ainda não utiliza sacos multifoliados de papel para embalagem de açúcar (50kg quilos). A constatação surpreendeu os técnicos internacionais que participaram, em São Paulo, do Simpósio Internacional sobre Açúcar e Alcool, organizado pela Copersucar. Eles manifestaram opiniões discordantes sobre a estratégia de comercialização do produto, mas destacaram um ponto comum. Todos utilizam papel em maior ou menor escala, para embalagem do açúcar.

O diretor da World Sugar Association Ltd., de Londres, A.J. Vitos, explicou que a utilização de papel para aquele fim já data de muito tempo e "foi consagrada depois que o açúcar passou a ser alvo de críticas e responsabilizado até mesmo como causa de doenças". De ele que "a campanha levou os fabricantes a se preocuparem ainda mais com a pureza do açúcar, que é um produto totalmente natural. Uma das providências foi a utilização de papel na embalagem, que manteve o padrão de pureza, difícil de ser preservado com outros tipos de embalagens".

Vitos explicou que hoje o açúcar pode ser examinado com microscópio

sem revelar nenhuma impureza, mas "foi necessário aprimorar o método de refinamento para detectar e eliminar os detalhes como a embalagem. Com o papel o padrão de qualidade foi mantido", concluiu.

CUBA

A tese do diretor da World Sugar Association foi defendida por representantes de diversos países. O vice-ministro de Comércio Exterior de Cuba, Alberto Blinnour, informou que os cubanos passaram a adotar gradativamente o papel como embalagem depois de detalhado estudo sobre o assunto. Principal produto de exportação de primários de Cuba, o açúcar passou a ter controle de qualidade rigoroso, segundo Rios. Ele lembrou o boticote que seu país sofreu por parte dos Estados Unidos e disse que nem mesmo "no período de dificuldades deixou de se preocupar com a qualidade do açúcar, incluindo nessas tarefas a utilização de embalagem de papel com o mesmo nível qualitativo e sanitário".

Nos Estados Unidos o uso de papel na embalagem de açúcar é mais antigo, conforme explicou John Nuttal, do Departamento de Agricultura. "Temos que atentar para a qualidade do produto e

por isso não podemos nos descurar. Isto vale tanto para o açúcar de beterraba, que produzimos, quanto para o de cana, que importamos. Preferimos o papel porque ele mantém a pureza do produto", afirmou Nuttal.

ALATINA

C. van der Pol, diretor da Associação Sul-Africana de Açúcar, confirmou, também, o uso de embalagem de papel para acondicionamento do açúcar em seu país: "Uma opção natural para o papel é mais barato se considerarmos as vantagens em relação a outras alternativas, bem como a manutenção da qualidade do produto".

O mexicano Eduardo La Torre, que discorreu sobre a estratégia dos produtores de açúcar da América Latina e do Caribe, não hesitou em propor a adoção da utilização de papel na embalagem de açúcar de região. Informou, de resto, que a maior parte optou pelo "produto para evitar perdas de qualidade, de além de levar em conta a facilidade no processo de embalagem".

Juan Carlos Enrique, representante da Argentina, afirmou que o uso da embalagem de papel em seu país manteve-se estável nos últimos anos, mas deverá crescer. "É a melhor opção, conforme se demonstrou. O mercado de

açúcar atravessa um período difícil, com acentuada queda das colheitas, mas não se pode abrir mão de certos itens sob pena de perdê-los o que foi conquistado com anos de trabalho. Por isso acreditamos que a utilização de papel na embalagem do produto será mantida".

JAPÃO

Grande importador de açúcar, o Japão dá preferência à embalagem de papel. Shozo Akaki, diretor da C. Itoh, disse que os japoneses mantêm seu consumo de açúcar e preferem "o papel na sua embalagem porque já ficou demonstrado que esse é a melhor maneira de o produto chegar ao consumidor sem problemas com perda de qualidade e contaminação de manuseio".

Usando exemplo semelhante, o representante da França, Jacques Bachelier, afirmou que a Comunidade Econômica Européia tem várias opções para embalar o açúcar — a CEE passou de importadora a exportadora do produto nos últimos anos —, "mas a alternativa mais procurada é o papel porque o produto só continua tendo aceitação quando não apresenta aspecto e gosto alterados. E isso é possível com a utilização de embalagens como as de papel", concluiu.

Liderança e Pioneirismo. Sinônimos da empresa nº 1 na fabricação de celulose e papel 100% eucalipto.

A Cia. Suzano desenvolveu a tecnologia e foi a primeira empresa a fabricar, em escala industrial, a celulose de eucalipto para a fabricação de papel e também a primeira no mundo a produzir papel 100% celulose de eucalipto.

Esse pioneirismo não parou, pois cultivando contínua política de investimentos em pesquisa e desenvolvimento, a Cia. Suzano trabalha, hoje, em biotecnologia aplicada à atividade agroflorestal, novos processos de produção de celulose e em técnicas avançadas de fabricação de papel.

A liderança de hoje é, portanto, o resultado do pioneirismo tecnológico, iniciado há mais de três décadas, que transformou toda a indústria nacional do setor.



CIA SUZANO DE PAPEL E CELULOSE

NOVOS INVESTIMENTOS EM CELULOSE DEPENDEM DE MELHOR RETORNO

Boris Tabacof

Caso não sejam construídas novas unidades para produção de celulose, a partir do eucalipto — que demandam capital intensivo e apresentam baixo retorno, considerando os atuais preços —, pode haver desestímulo a novos investimentos por parte das empresas já estabelecidas e o Brasil corre o risco de passar, em curto prazo, de exportador a importador de papéis de celulose fibra curta.

AS POTENCIALIDADES naturais de um país deverão ser o ponto de partida para a definição da sua vocação e de suas áreas prioritárias. A essas se somam a posse de tecnologia, as vantagens comparativas, e, por fim, a disponibilidade de recursos.

O setor de celulose tem seu caráter de área prioritária dentro da economia nacional, a partir das vantagens comparativas do eucalipto, que proporciona um custo de produção significativamente inferior aos parâmetros internacionais. Para o seu cultivo, dispomos de clima adequado e extensas áreas, além de não competir com outras culturas.

O País é detentor da tecnologia de fabricação de celulose, da qual foi o pioneiro mundial, tendo implantado em paralelo a indústria de bens de capital, de um lado, e a fabricação de papéis com 100% de fibra de eucalipto, do outro, com plena aceitação do mercado internacional.

Os recursos que edificaram o setor, inicialmente, partiram da iniciativa privada nacional que acreditou, investiu e desenvolveu a tecnologia e os meios. Em seguida, com o apoio do governo, através do II PND, o setor cresceu e atingiu a relevante posição que hoje goza no quadro econômico nacional e internacional.

De um setor, cujo conhecimento geral se limitava a fornecedores, consumidores e ao público diretamente ligado, chegamos, hoje, a um setor de destaque na economia nacional. A participação crescente nas exportações brasileiras, a importância na formação do PIB e as últimas "performances" do setor e de algumas empresas resultaram na popularidade e aumento dos conhecimentos sobre a produção e comercialização de celulose e papéis.

Dentro da conceituação que se procurou dar até aqui, quanto à vocação do Brasil para produtor e exportador de celulose de fibra de eucalipto e de pa-



BORIS TABACOF

Diretor-administrativo e financeiro da Cia. Suzano de Papel e Celulose

péis fabricados a partir dessa matéria-prima, verificam-se duas fases distintas no seu desenvolvimento: a primeira, em que se acreditou e se desenvolveu a indústria de celulose de eucalipto e papéis, de forma pioneira; a segunda, em que essa indústria se consolidou e se expandiu, passando o governo a ter importante papel no processo.

VOLTAR A CRESCER OU PERDER POSIÇÕES — O momento atual é de pós-fase de consolidação e de importante definição para o setor: ou permanecer nas dimensões atuais, dando espaço a outros países, mesmo correndo o risco de ter a sua posição de exportador invertida para importador em curto espaço de tempo; ou, então, de voltar a crescer, mantendo ou elevando a sua participação dentro do contexto internacional.

A tomada de decisão de se construir novas unidades de celulose de eucalipto tem sido dificultada por alguns fatores que envolvem os recursos de capital: - inicialmente, a elevada necessidade de

recursos para tais investimentos que são, no momento, escassos;

- o custo do capital, com taxas de juros muito elevadas;

- e finalmente, o baixo retorno que uma fábrica de celulose apresenta, em relação à elevada intensidade de capital que caracteriza os investimentos do setor.

Embora fatores estratégicos tenham peso em decisões de investimento, a aplicação do capital dos acionistas para um empreendimento é norteadada pela remuneração que esses investidores terão sobre o valor invertido. Tal afirmação se intensifica na medida em que várias das grandes empresas e corporações são, atualmente, de capital aberto. Os investimentos são medidos em termos de taxas de retorno para o capital aplicado, que fornecem ao investidor a expectativa de remuneração anual sobre o seu investimento.

Entretanto, hoje, com grande importância e influência na economia nacional, torna-se imperativo modificar o modelo brasileiro, onde o setor exportador subsidia a venda interna, contrário, por exemplo, ao modelo exportador japonês.

A decisão de investimento deve se basear no preço interno, embora novos projetos de celulose contemplem o mercado internacional com a maior parte da produção.

Apesar das dificuldades vigentes, a posição do Brasil como um dos mais importantes participantes do mercado internacional de celulose, amparada nas extraordinárias vantagens comparativas do nosso País, faz com que a decisão de crescimento do setor seja irreversível.

Certamente, o governo e os empresários do setor saberão definir as políticas, especialmente no campo financeiro e de preços, que assegurem ao Brasil um lugar definitivo no primeiro plano mundial do importante setor de celulose e papel.

MERCADO DE VALORES E CRESCIMENTO ECONÔMICO

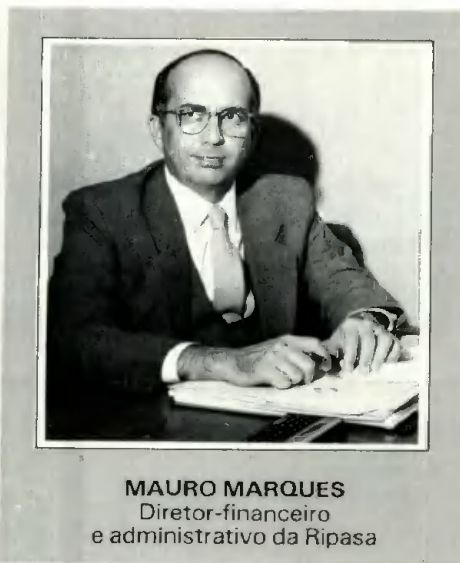
Mauro Marques

Já vai longe o tempo em que os juros subsidiados favoreciam a adoção de uma política de envidividamento por parte das empresas. Em face da elevada taxa de juros em vigor, que inviabiliza a tomada de empréstimos, e do fortalecimento do mercado acionário que se verificou no Brasil nos últimos anos, a capitalização das empresas, via lançamento de ações em Bolsa, mostra-se hoje como o melhor caminho para aquelas que desejam crescer sem colocar em risco sua saúde financeira.

O MERCADO DE VALORES apresenta-se hoje totalmente recuperado das crises acontecidas em inícios dos anos setenta. Neste entretempo possibilitou-se de forma gradativa a sua consolidação institucional, como fruto das medidas adotadas na segunda metade da década passada e que resultam na criação da Comissão de Valores Mobiliários - CVM.

A Importância das Companhias Abertas na economia brasileira, espelha diretamente o decisivo papel que desempenha o Mercado de Valores. Conforme os dados da pesquisa do IBMEC - 1983, as companhias abertas representavam:

- 40% do total do pessoal ocupado na indústria de transformação;
- 20,5% das exportações totais do País;
- 41,1% do total dos impostos diretos e indiretos arrecadados (ICM - IPI, Finsocial);



MAURO MARQUES
Diretor-financeiro
e administrativo da Ripasa

- 15% do total da formação de capital fixo no País;
- Vendas líquidas em proporção de 23,5% em relação ao PIB.

Muitas das empresas brasileiras que hoje figuram entre as maiores do País atingiram este nível de desenvolvimento graças à abertura do capital. Tradicionais empresas de administração familiar, estão descobrindo com satisfação, que além de canalizarem recursos financeiros permanentes, recebem junto, um fabuloso elemento indutor de adequação e/ou adoção de sistemas administrativos modernos, que permitem um fluxo de informações mais formais, dinâmicas e apuradas, necessárias para atender ao mercado de valores e de incomensurável valor para a atividade de gestão.

O fortalecimento do mercado de valores ao longo dos últimos anos, e, principalmente o revigoramento que está sendo dado pelo atual governo, começam a gerar os primeiros sinais, que reforçam a crença em que o crescimento econômico do Brasil será altamente dependente do mercado de valores.

O atual quadro das finanças públicas,

DE JANEIRO A JUNHO SÓ 43 EMISSÕES

DURANTE O PRIMEIRO semestre deste ano a CVM — Comissão de Valores Mobiliários, órgão fiscalizador e regulador do mercado de títulos e valores mobiliários vinculado ao Ministério da Fazenda, registrou 43 emissões públicas de ações, 13 das quais feitas por companhias que abriram seu capital e as outras 30 por companhias já abertas. Esses números são bastante inferiores aos que se verificaram no segundo semestre de 1984, quando as Bolsas batiam sucessivos recordes de valorização das ações e de expansão nos volumes negociados diariamente: naquele período, realizaram-se 77 operações de **underwriting**,

15 delas efetuadas por empresas que abriam seu capital.

Vale ainda destacar que nos seis primeiros meses deste ano, 19 empresas abriram seu capital por meio de emissão de debêntures ou ações, contra 10 e 24 companhias, respectivamente, no 1º e 2º semestres de 1984. Para o semestre em curso, espera-se um incremento no número de empresas que procederá à abertura de seu capital bastante significativo em relação ao que ocorreu de janeiro a junho. A opinião é do empresário Dilson Funaro, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES. Segundo

ele, “é bastante grande o volume de consultas que esta e as demais instituições financeiras vêm recebendo, a respeito de procedimentos para a abertura de capital”.

O presidente do BNDES classifica o atual processo de capitalização das empresas nacionais por meio da abertura de seu capital como “uma fórmula competente de se democratizar o capital num país moderno e democrático”. E acrescenta: “Considero isso muito positivo pois a sociedade brasileira precisa participar com maior intensidade do processo produtivo”.

altamente rígido tanto em curto quanto em longo prazo, decorrente do elevado déficit orçamentário, do combate à inflação e dos pesados compromissos com a dívida externa, não nos permite vislumbrar o País crescendo novamente, sustentado com fartos e subsidiados recursos financeiros do governo.

O mercado de ações constitui-se em instrumento de canalização da poupança para a capitalização das empresas, viabilizando investimentos privados em atividades que sem seu fortalecimento, passam a ser exercidas pelo Estado prin-

cipalmente, e fatalmente gerando pressões inflacionárias.

Um mercado de ações forte/maduro e dinâmico tem-se constituído em grande aliado na aplicação da política econômica em países desenvolvidos, permitindo que medidas restritivas de caráter monetário de curto prazo, atinjam seus objetivos, expressos na redução da inflação.

Entre nós, em passado recente, experimentamos doses intensas de restrições de caráter monetário com o objetivo de diminuição da taxa de inflação, e que

tem obtido como resultante, estagflação ou recessão, acompanhada da elevação inflacionária, frutos da rigidez da demanda por recursos financeiros nos curto e médio prazos, através da intermediação onerosa, em conseqüência da reduzida representatividade do mercado de ações como alternativa de fonte para o atendimento daquela demanda.

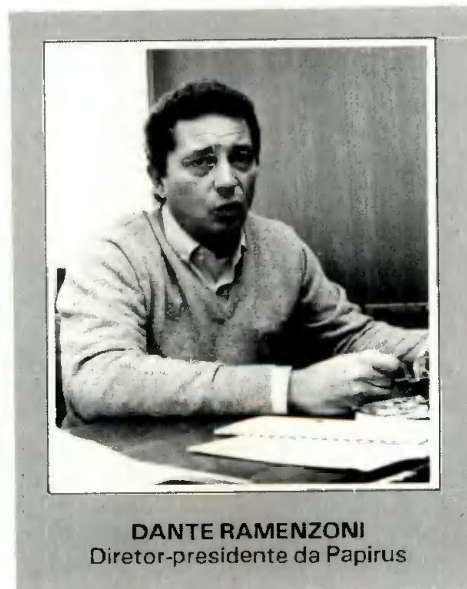
Novos desafios apresentam-se às empresas que almejam crescer e elas devem estar preparadas para o futuro ecossistema.

RECICLADORES QUEREM EXPORTAR APARAS PARA REGULARIZAR O MERCADO

COM O OBJETIVO de evitar grandes flutuações nos preços e volumes de aparas de papel no mercado interno, a fim de garantir o abastecimento, as indústrias recicladoras aglutinadas no GT-4 — Reciclagem criaram um subgrupo de trabalho para estudar, em conjunto com a Associação Nacional dos Aparistas de Papel — ANAP, a possibilidade de se criar uma entidade que defenda os interesses comuns. A informação é do empresário Dante Ramenzoni, coordenador do GT-4 e diretor-presidente da Papyrus, indústria que tem nas aparas 90% de sua matéria-prima.

“Essa entidade, quando a oferta superar a demanda de aparas, fará as compras no mercado e manterá essa matéria-prima — também conhecida por fibras secundárias — em estoque, de modo a evitar que o preço caia”, diz o empresário. De acordo com os estudos, a referida organização poderia até mesmo promover a exportação de aparas, inicialmente para países sul-americanos como o Paraguai, a Argentina, a Colômbia, o Uruguai e a Venezuela, que já se mostram receptivos à idéia, mas sempre mantendo um estoque regulador.

Ao contrário do que se poderia imaginar, as recicladoras não são beneficiadas quando ocorre excesso de oferta, já que a queda nos preços acaba por desestimular os catadores de papel e os empresários



DANTE RAMENZONI
Diretor-presidente da Papyrus

do setor de aparas, provocando no período seguinte a falta do produto e bruscas elevações em seu preço. A esse respeito Ramenzoni lembra que em 1984 verificou-se um aumento de preços das aparas da ordem de 700%, fato que levou sua empresa a importar aparas dos Estados Unidos, “de melhor qualidade e a preços compatíveis aos que estavam sendo praticados no mercado brasileiro”.

Já em relação à qualidade das aparas, em 1978, foi concluído um trabalho vi-

sando à normalização do segmento, efetuado em conjunto com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas e que culminou com o estabelecimento de 23 tipos de aparas de papel. Isso, segundo Ramenzoni, trará importantes benefícios no sentido de se moralizar a comercialização de aparas.

Dos 3,5 milhões de toneladas de papel produzidas no Brasil em 1984, cerca de 1,1 milhão foi gerado a partir da reciclagem — processo que permite substancial economia de energia elétrica em comparação com as fábricas que utilizam apenas celulose como matéria-prima. Além disso, para cada tonelada de papel assim fabricado são poupadas 10 árvores — estima o coordenador do GT-4, que afirma serem a Áustria, o Japão e a Alemanha os principais importadores mundiais de aparas para reciclagem.

Ainda segundo Dante Ramenzoni, do ponto de vista técnico a reciclagem no Brasil está num estágio bastante avançado, com a produção de cartões, cartolinas e papéis higiênicos de alta qualidade. Em sua opinião, entretanto, nenhuma empresa do País se interessou em produzir papéis para imprimir e escrever a partir de fibras secundárias porque o consumo per capita de papel branco ainda é muito baixo e não justifica os investimentos que precisariam ser efetuados.

É HORA DE CONHECER MELHOR A EMPRESA QUE TEM UM PAPEL IMPORTANTE NA NOSSA ECONOMIA.

JÁ ERA HORA DA RIPASA DIZER AOS BRASILEIROS O QUE ELA SIGNIFICA PARA O PAÍS. EM PRIMEIRO LUGAR, PORQUE ELA É UMA EMPRESA 100% NACIONAL, O QUE DEVE SER MOTIVO DE ORGULHO PARA TODOS NÓS.

EM SEGUNDO LUGAR, PORQUE ELA PROJETA UM BOM NOME DO BRASIL NO EXTERIOR, FABRICANDO PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE E EXPORTANDO PARA OS CINCO CONTINENTES. EM TERCEIRO LUGAR, PELA CONTRIBUIÇÃO SOCIAL QUE ELA DÁ AO PAÍS.

CONTRIBUIÇÃO QUE PODE SER MEDIDA POR ALGUNS NÚMEROS BEM EXPRESSIVOS. RIPASA É O NOME DE UM COMPLEXO INDUSTRIAL

QUE REÚNE 5 FÁBRICAS EM 3 CIDADES, EMPREGANDO 5 MIL PESSOAS.

ESTE COMPLEXO PRODUZ 210 MIL TONELADAS DE CELULOSE E MAIS 210 MIL DE PAPEL. PARA GARANTIR AUTO-SUFICIÊNCIA EM MATÉRIA-PRIMA, A RIPASA TEM UM PROGRAMA DE REFLORESTAMENTO QUE UTILIZA 46 MIL HECTARES NO ESTADO DE SÃO PAULO.

DO PONTO DE VISTA DA EXPORTAÇÃO, A RIPASA É HOJE O SEGUNDO MAIOR EXPORTADOR DE PAPEL DE IMPRIMIR E ESCREVER DO PAÍS, O QUE EM TERMOS DE DIVISAS REPRESENTA UMA VALIOSA COLABORAÇÃO PARA NOSSA BALANÇA DE PAGAMENTOS. POR TUDO ISSO, OCUPAMOS O 3º LUGAR NO RANKING DOS MAIORES FABRICANTES INTEGRADOS DE CELULOSE E PAPEL DE FIBRA CURTA DO BRASIL.

COMO VOCÊ VÊ, HÁ MOTIVOS DE SOBRA PARA QUE O BRASIL FIQUE CONHECENDO O QUE É A RIPASA.

 **RIPASA**

RIPASA S.A. CELULOSE E PAPEL
CIA. SANTISTA DE PAPEL
LIMEIRA S.A. INDÚSTRIA DE
PAPEL E CARTOLINA
RILISA TRADING S.A.
LARGO SÃO BENTO, 64 - 3º A 7º ANDARES
CEP: 01029 - TELEX: (011) 31177
TEL: (011) 228-5544 - SÃO PAULO

AS NORMAS QUE REGULAM A QUALIDADE INDUSTRIAL

Maury Athayde

COSTUMA-SE DIZER que as empresas que melhor "trabalham" são aquelas que no quadro geral de suas funções melhor caracterizam e reconhecem o papel desempenhado pela produção na obtenção da qualidade industrial, pois além da satisfação da própria empresa e do consumidor, a existência, atuação e pressão da concorrência, de certo modo nos induzem a transferir a responsabilidade dos assuntos referentes à qualidade para aqueles que elaboram ou controlam a confecção dos produtos. Mas, se quisermos ser mais precisos e positivos, deveremos ter em mente que a responsabilidade é da empresa como um todo e que em decorrência da importância que se dá ao assunto, o nome e o conceito da empresa acabam por avaliar a qualidade de seus produtos.

Prova é que se busca, através de sistemas, normas e procedimentos internos, alcançar, melhorar, estabilizar e atingir níveis mais adequados de qualidade para os produtos, fundamentados em três pontos considerados básicos e importantes para a introdução e posterior fixação dentro de uma empresa do conceito "qualidade", que são:

- a) A determinação, o desenvolvimento e a fixação do conceito "qualidade" na empresa através da sua administração superior;
- b) Certificar-se de que cada componente do sistema montado pela empresa esteja bem identificado, treinado e com correta noção de suas responsabilidades e familiarizados com as tarefas que devem executar;
- c) Criar meios para que a Chefia de Produção, além de orientar e controlar todo o seu pessoal, saiba como atingir e preservar os níveis desejados ou estipulados pela administração superior.

Os três pontos acima citados, acrescidos dos itens seguintes, favorecem a efetivação do conceito "qualidade" dentro da empresa:

- 1- A existência de procedimentos, códigos, compêndios de normas, manuais de operação e outros preceitos normativos aceitos por tradição e consenso geral, bem como, todo material escrito disponível, formarão a infraestrutura que o sistema exige para seu funcionamento e aprimoramento.



MAURY FONTES DE ATHAYDE
Assessor da diretoria
de comercialização de Indústrias
Klabin de Papel e Celulose S/A

2- Controle Físico da Qualidade (CFQ)

-- normalmente chamado na produção de **Controle de Qualidade (CQ)**, que através de normas de procedimento, aparelhos corretos e devidamente calibrados e condições de execução de testes padronizados, determinam uma série de índices de resistência usando métodos de ensaio oficiais para acompanhar e controlar as operações durante a fabricação, manter os níveis indicados como objetivos, comprovar e registrar a qualidade final obtida e também alguma ocorrência durante o processo que mereça registro.

É bom lembrar que no Controle Físico da Qualidade costuma-se montar os laboratórios e se esquece de verificar e determinar a diferença sistemática entre os aparelhos, operadores, laboratórios da mesma empresa e os de órgãos oficiais, sejam estaduais ou nacionais. Com isso, há uma dificuldade natural de se interpretar os resultados e mesmo de se resolver as pendências sobre qualidade dos produtos, utilizando-se os resultados obtidos nos laboratórios disponíveis. Portanto, além das verificações e aferições regulares dos aparelhos, é muito importante a participação de programas inter-laboratoriais e de também, junto aos seus clientes, procurar verificar qual a diferença sistemática que se observa entre os índices obtidos em seu laboratório e os dos clientes. A partir desse

ponto e havendo interesse e entendimento entre os C.Q., poder-se-á fazer um acompanhamento rotineiro dos resultados e quando for notada alguma alteração fora do que se observa normalmente num teste específico, identificar mais facilmente as causas e os dois controles podem resolver o problema muito mais rapidamente ao invés de se procurar determinar qual laboratório está sem razão;

- 3- A introdução do processo de fichas de controle, registros específicos, especificações visando à formação de um acervo de registros e de informações organizadas e bem direcionadas à finalidade a que se destinam;
- 4- A fase de inspeção, onde, através das especificações e acompanhamento dos índices para controle de produção e para desclassificação do produto, procura-se alertar, orientar e indicar correções à produção, no sentido de se alcançar a qualidade pré-estabelecida.

RACIONALIZAR — Atualmente, através do uso de controles estatísticos, normas de procedimento e utilização de métodos de ensaio no controle físico de qualidade, procura-se racionalizar e disciplinar as operações desde o início da produção. Baseados nas especificações dos produtos e objetivos pré-estabelecidos pela empresa, serão indicados os níveis de controle para o processo de produção, havendo previsão da existência de objetivos, limites de controle de operação, que podem ser superior ou inferior, e limites de desclassificação do produto na operação, também superior e inferior, e utilizá-los efetivamente no controle da produção. Esse tipo de esquema, aliado à rápida e precisa informação fornecida através do controle físico dos produtos, permite ao C.Q. orientar e alertar a produção quando o produto começa a variar para fora dos limites operacionais estipulados de controle e com isso, permitir mais rápida e efetivamente o início das medidas corretivas necessárias, em tempo hábil, visando à regularidade e uniformidade da qualidade do produto final.

Nessa fase, costuma-se normalmente interromper a ação efetiva do C.Q., o que é um erro, pois o C.Q. que durante

o processo acompanha, registra, indica correções, por vezes, em alguns sistemas ou na maioria deles, não tem autoridade para desclassificar ou reter na fábrica o produto fora das especificações, ficando essa atribuição à Chefia de Produção. É nesse ponto que se costuma errar ao pensar que, — pelo fato de estarmos de posse das informações sobre a qualidade física do produto final — encerrou a responsabilidade, a atividade e atuação do C.Q.; o mesmo deve ser entendido para fixar métodos, normas de procedimentos e novos critérios de fiscalização para comprovar que o produto, — que até o momento de sua avaliação física pelo laboratório estava dentro das especificações —, não tenha sua qualidade final prejudicada devido à inexistência de controles tão eficientes como os anteriores, nas fases subsequentes. Devemos preservar a qualidade até o embarque do produto na sua forma final, no meio de transporte que o levará até o cliente.

Modernamente, procura-se estender a ação do controle de qualidade junto à atuação da área comercial, levando-se o acompanhamento do produto até o cliente, orientando quanto à estocagem e manuseio e quando possível, fiscalizando e acompanhando a utilização do produto para melhor orientar e informar seu desempenho à produção e também, visando que todo o cuidado tomado pela empresa durante sua produção não seja perdido ou prejudicado devido à

manipulação, à estocagem e também por utilização em máquina de forma inadequada por parte do cliente.

HARMONIA E INTEGRAÇÃO — A conscientização de todos os setores da empresa envolvidos, o treinamento do pessoal, as medidas prévias e adequadamente planejadas, a aplicação correta das normas e especificações no processo de produção possibilitam a obtenção de um produto final de qualidade. O mais importante é que o funcionamento perfeito desse sistema permite à empresa pensar e falar em Garantia de Qualidade (G.Q.) para seus produtos.

Para tal, é importante que o sistema de G.Q. a ser implantado, além do aspecto organizacional, tenha um detalhamento específico e sistemático de todas as fases que o compõem para que na sua execução, haja harmonia e integração do controle físico da qualidade com a produção. Com isso, deseja-se mais rápida e efetivamente atingir os objetivos indicados pela empresa e a partir do momento que atingirmos esse ponto, partirmos para controles adicionais que possibilitem manter a regularidade da qualidade dos produtos com índices acima dos mínimos operacionais, evitando-se que ocorram “picos” na qualidade, mantê-la dentro de um equilíbrio harmônico, propiciando à empresa a confiança na regularidade de seus produtos e assim, poder garantir a qualidade dos produtos ofertados.

Convém lembrar que na garantia da qualidade não se deve analisar se as normas ou especificações foram ou não seguidas, visando às exigências do consumidor, do comprador ou do mercado, ou então para a finalidade a que se destinam, mas sim, se elas foram corretas e adequadamente aplicadas no sistema adotado pela empresa, lembrando sempre que métodos, especificações e controles muito rigorosos ou desnecessários podem também onerar consideravelmente o custo do produto final, prejudicando o objetivo último do programa.

Para se alcançar os objetivos fixados pela empresa, além das necessidades técnicas que um sistema de C.Q. e G.Q. necessita para um bom funcionamento, há também de se iniciar, dentro da empresa, um novo levantamento geral de como, onde e por que estão sendo aplicadas as normas no processo e de posse dessas informações, avaliar novamente o sistema montado, e caso seja preciso, proceder às devidas alterações e reiniciar o trabalho de conscientização na empresa, desde a administração superior até o mais humilde componente do sistema, lembrando sempre que só através do uso correto de normas e da utilização consciente durante as fases do processo do conceito de normalização é que se vai estruturar bem a produção, alcançar, manter e inclusive superar os objetivos e permitir à empresa garantir a qualidade dos seus produtos.

PROCEDIMENTOS

A GARANTIA da qualidade é exercida no sistema de produção através do C.F.Q., que executa suas atividades no que se refere a:

- Recebimento de materiais e controle de matérias-primas;
 - Acompanhamento do processo de fabricação;
 - Na inspeção final dos produtos e emissão de certificado.
- Para podermos avaliar o acima exposto, precisamos de:
- Padrões de comparação;
 - Formas de como medir ou avaliar os produtos em relação aos seus requisitos;
 - Comparação entre os padrões estabelecidos e os valores obtidos;
 - Verificar a diferença sistemática existente entre aparelhos, operadores, laboratórios da mesma empresa, e as de órgãos estaduais e nacionais;
 - Determinar a diferença sistemática entre os seus índices de resistência e os obtidos nos laboratórios dos clientes. Manter acompanhamento e troca de informações entre os controles de qualidade;
 - Participar de programas interlaboratoriais;
 - No processo, utilizar estatística para fixação de objetivos, limites de controle e desclassificação. Manter a produção regularmente informada sobre a qualidade física obtida;
 - Procurar a integração e harmonização do C.Q. com a produção;
 - Estender a ação do controle físico de qualidade até o embarque do produto na fábrica, e posteriormente, em conjunto com Vendas,

orientar os clientes em relação à estocagem, manuseio e utilização do produto.

COM O DESENVOLVIMENTO da tecnologia dos produtos e, principalmente, buscando-se a manutenção da regularidade e aprimoramento da qualidade, os problemas tornam-se maiores. Assim, precisamos nos adaptar à nova situação e para tal, devemos seguir:

- Especificações e tolerâncias mais rigorosas;
 - Normas com requisitos específicos muito mais elaborados;
 - A exigência de equipamentos de medição mais precisos;
 - Maior qualificação do material humano utilizado.
- Sintetizando, percebe-se que em todas as fases sentimos a presença e necessidade crescente do uso da normalização, pois:
- As especificações devem ser baseadas em normas conhecidas;
 - A forma de verificação dos produtos deve obedecer a requisitos baseados, sempre que possível, em normas oficiais;
 - A aferição dos equipamentos deve ser segundo normas de consenso geral ou de preferência, universais;
 - As tolerâncias indicadas, baseadas em normas e/ou especificações;
 - Os resultados das comparações entre produção e inspeção/medições devem ser baseados em normas pré-estabelecidas e aceitas por consenso.

1.º ENPAPEL REÚNE 500 DIRIGENTES DO SETOR

Cerca de 500 diretores de indústrias do setor celulósico - papelero são esperados no 1.º Enpapel - Encontro Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, que se realizará em São Paulo no mês de setembro, com a participação de importantes autoridades governamentais. Paralelamente às reuniões de trabalho, a Comissão Organizadora do 1.º Enpapel decidiu promover uma exposição-feira, aberta à participação de fornecedores de equipamentos, matérias-primas e serviços ao setor de celulose e papel, cujos estandes serão instalados no Hall Nobre do Centro de Convenções do Centro Empresarial de São Paulo.

Maiores informações sobre participação nessa mostra, e inscrições para o Enpapel podem ser obtidas junto à Secretaria Executiva do Encontro, pelo telefone (011) 285-6233, em São Paulo.

AQUI, O PROGRAMA BÁSICO

18 de setembro - quarta-feira

17h30 - Sessão Solene de Instalação. Convidado Especial: Marco Maciel - Ministro da Educação. Presidente da Mesa: Horácio Cherkassky. Membros: Armando Vieira Neto, Jamil Nicolau Aun, Luiz Eulálio Bueno Vidigal Filho e Osmar Zogbi.

18h - Inauguração da Exposição de Fornecedores de Equipamentos, Materiais e Serviços.

18h30 - Coquetel

19 de setembro - quinta-feira

8h - Credenciamento

9h - Seminário A: O Plano de Desenvolvimento Educacional Brasileiro - Coordenadores: Dalro Lopes de Souza / Gastão Campanaro. Presidente Mesa: Paulo Renato Souza - Secretário da Educação do Estado de São Paulo. Expositor: Jacques Vellozo - Ministério

da Educação. Moderador: Plínio O. Assmann. Debatedores: Alfredo Weiszflog, Aniz Haidar, Antonio Hélio Guerra Vieira, João Carlos Di Gênio, Luiz Antonio Sillos de Carvalho, Ruy Mendes Gonçalves e Sérgio Lacerda.

• Comissões Técnicas: Instalação dos Trabalhos
Comissão 1: Modelo de Desenvolvimento do Setor de Celulose e Papel no Brasil, para o Período 1985/1995 - Coordenador: Alberto Fabiano Pires. Membros: Boris Tabacof / Dante Ramenzoni / Murilo Ribeiro de Araújo. Entidades Convidadas: BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; CDI - Conselho de Desenvolvimento Industrial; CIP - Comissão Interministerial de Preços; SEAP - Secretaria Especial e Abastecimento e Preços; Jaakko Poyry; Pilão S.A. Máquinas e Equipamentos.

Comissão 2: Exportação: Condições para a Manutenção de Posições Alcançadas no Setor de Celulose e Papel e Necessidades de Novas Conquistas - Coordenador: Raul Calfat. Membros: César Thomé, David Adams e John Warren. Entidades Convi-

dadas: Banco do Brasil - Cacex; Branco Central - Câmbio; Ministério dos Transportes - Sunamam / Conferências de Frete; Codesp; Secretaria dos Transportes - Departamento Hidroviário / Porto de S. Sebastião.

Comissão 3: A Indústria de Celulose e Papel e o Meio Ambiente - Coordenadores: Paulo Bastos Cruz Filho. Membros: Armando L. S. Mesquita, Camal A. S. Rameh, Carlos e Celso do Amaral. Entidades Convidadas: Sema - Secretaria Especial do Meio Ambiente; Cetesb-SP; Codeama - Comissão de Desenvolvimento do Estado do Amazonas; Copam - Comissão de Política Ambiental da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de Minas Gerais; CPRH - Cia. Pernambucana de Controle da Poluição Ambiental e de Administração de Recursos Hídricos; CRA - Centro de Recursos Ambientais da Bahia; Deptº de Ações Ambientais da Sec. da Saúde do Estado do Espírito Santo; Fatma - Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente de Santa Catarina; Feema - Fundação Estadual e Engenharia do Meio Ambiente do Rio de Janeiro; Secretaria da Saú-

DEMONSTRAÇÃO DE CONSCIÊNCIA DO SETOR SOBRE OS CAMINHOS PARA O FUTURO

A Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose — APFPC, realizará de 18 a 20 de setembro próximo, no Centro Empresarial de São Paulo, o 1.º ENPAPEL — Encontro Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, como promoção da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, com apoio das entidades de representação do setor.

O evento objetiva promover amplo debate entre os empresários do setor, líderes das entidades representativas e autoridades do governo, sobre as principais questões políticas, sociais e econômicas, na busca de identificação e implementação de diretrizes que contribuam para o desenvolvimento da indústria brasileira de celulose e papel.

Tomando como referência "Diretrizes e Recomendações para a Formulação de Programa de Ação para o Decênio de 1985/1995", documento elaborado pelo GID - Grupo de Im-

plementação de Diretrizes Estratégicas, criado pela atual Diretoria da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose — APFPC, a Comissão Organizadora do 1.º ENPAPEL definiu os temas que serão objeto de diálogo entre representantes do setor — através de comissões técnicas — e do governo, e os que serão tratados em seminários.

A abrangência dos temas e o nível no qual serão debatidos, são indicadores da relevância do 1.º ENPAPEL para o futuro do setor.

A promoção constitui-se em oportunidade ímpar para a demonstração de unidade e confirmação da magnitude de um dos principais segmentos da economia brasileira.

de e do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul; Surema - Superintendência de Recursos Hídricos e Meio Ambiente do Estado do Paraná.

Comissão 4: Política Florestal - Instrumento Indispensável ao Desenvolvimento do Setor de Celulose e Papel: Diretrizes Estratégicas - Coordenador: Nelson Barboza Leite. Membros: Edson Antônio Balloni, Luiz Ernesto G. Barrichelo, Luiz Gonzaga Murat Jr., Luiz Washington Westmann e Ronaldo A. Caneva. Entidades Convidadas: EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária; ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queirós; Ministério da Agricultura / IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal; Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo / Coordenadoria da Pesquisa de Recursos Naturais - Instituto Florestal; SEPLAN / Instituto de Planejamento; UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais; Aracruz; Cenibra; Champion; Klabin; Jari; Riocell; Suzano; Tecma.

12h - Almoço
14h - **Seminário B:** O Mercado de Valores Mobiliários e o Desenvolvimento do Setor de Celulose e Papel - Coordenador: Mauro Gonçalves Marques. Presidente: Adroaldo Moura Silva. Expositor: Roberto Teixeira da Costa. Debatedores: Antonio Paulo de Azevedo Sodré, Boris Tabacof, Eduardo Rocha Azevedo, Francisco Gross, Guy Diniz Xavier, Paulo Setúbal e Ronaldo César Coelho.

• Comissões Técnicas: Continuação dos Trabalhos

17h30 - Coquetel
20 de setembro - sexta-feira

9h - **Seminário C:** Energia na Indústria de Celulose e Papel - Coordenador: Benjamin Solitrenick; Presidente: Carlos Eduardo Moreira Ferreira; Expositores: Benjamin Solitrenick; Luiz Gonzaga Murat Jr.; Paulo Bastos Cruz Filho; Saburo Ikeda. Entidades Convidadas: Agência para Aplicação de Energia; ABACE - Associação Brasileira de Administração e Conservação de Energia; ABCE - Associação Brasileira dos Concessionários de Energia Elétrica; ABRACE - Associação Brasileira dos Grandes Consumidores Industriais de Energia; BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; CAEEB - Cia. Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras; CESP - ELETROPAULO - Cia. Paulista de Força e Luz; CIESP - Centro das Indústrias do Estado de São Paulo; Centro Técnico de Celulose e Papel; Comissão Estadual de Energia; Comissão Nacional de Energia; Comgás; CDI - Conselho de Desenvolvimento Industrial; CEE - Conselho Estadual de Energia; CIP - Conselho Interministerial de Preços; CNP - Conselho Nacional do Petróleo; DNAEE - Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica; FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo; FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos; IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal; IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S.A. / Agrupamento de Energia Térmica; Ministério de Minas e Energia; Petrobrás; SEAP - Secretaria Especial de Abastecimento e Preço; SEMA - Secretaria Especial do Meio Ambiente; STI - Secretaria de Tecnologia Industrial.

• Comissões Técnicas: Continuação dos Trabalhos

12h30 - Almoço
14h - Sessão Plenária - Proposições e Justificativas - Presidente: Boris Tabacof; Entidades Convidadas: Banco do Brasil; Badesp - Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo; BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social; CDI - Conselho de Desenvolvimento Industrial; IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal; Secretaria Especial de Abastecimento e Preços; Secretaria Especial do Meio Ambiente.

14h - Comissão Técnica 1: com a continuação do tema constante do programa.

14h45 - Comissão Técnica 2, idem

15h30 - Café

15h45 - Comissão Técnica 3: com a continuação do tema

apresentado no programa.

16h30 - Comissão Técnica 4; idem.

17h15 - Intervalo

17h30 - Sessão Solene de Encerramento. Convidados Especiais: Ministros e Secretários de Estado; Presidente da Mesa: Osmar E. Zobgi. Membros: Armando Vieira Neto; Horácio Cherkassky; Jamil Nicolau Aun; Luiz Eulálio Bueno Vidigal Filho.

18h - Coquetel de encerramento.

Hotéis • Os participantes de outras cidades poderão contar com facilidades especiais em Hotéis de São Paulo. Pela proximidade ao Centro Empresarial de São Paulo, na Marginal do Rio Pinheiros, foram selecionados os **Hotéis Transamérica** (5 estrelas) e **Novotel** (4 estrelas) com tarifas especiais.

Hotel Transamérica: Av. Nações Unidas, 18591 - Tel. (011) 523-4511 - Para reservas, citar participação no 1º ENPAPEL. Tarifas Especiais: Aptº individual: US\$ 63; Aptº duplo: US\$ 74. Na diária está incluso café da manhã isento de taxas.

Novotel: Rua Ministro Nelson Hungria, 450. Tel. (011) 531-3399 - Citar participação no 1º ENPAPEL. Tarifas Especiais: Aptº individual: US\$ 44; Aptº duplo: US\$ 52. A diária inclui café da manhã - isenta de taxas.

Obs.: - 1) Ambos os Hotéis possuem microônibus fazendo a linha hotel-Centro Empresarial - Hotel; 2) O Centro de Convenções oferece estacionamento gratuito aos participantes.

Preços Inscrição por Pessoa - em Cr\$

	Até 15.08	Até 30.08	Após 30.08
Até 4 inscritos.....	1.400.000	1.500.000	1.750.000
5 a 9 inscritos.....	1.330.000	1.425.000	1.660.000
10 a 14 inscritos.....	1.290.000	1.380.000	1.610.000
15 a 19 inscritos.....	1.230.000	1.320.000	1.540.000
Meis de 20 inscritos..	1.190.000	1.275.000	1.490.000

Obs.: Inscrição inclui: acesso às reuniões; material de participante; almoços de trabalho; café; coquetéis; certificado de participação; anais e estacionamento.

Grupo Industrial Trombini

• Florestas - Celulose -
Papel - Papelão ondulado -
Sacos de papel -
Cadernos - Máquinas e
equipamentos
para o setor



TROMBINI

A CBL PRETENDE ELEVAR EM 20% A PRODUÇÃO EDITORIAL NOS PRÓXIMOS DOIS ANOS

Em contraste com a quase totalidade dos demais setores da economia, o mercado editorial, com uma produção de cerca de 250 milhões de exemplares por ano, tem-se mantido estável nos anos 80.

QUEM JÁ NÃO OUVIU frases dizendo que o brasileiro, especialmente o jovem, não gosta de ler, ou que o preço do livro é muito alto, ou ainda que a televisão está acabando com o hábito da leitura? Poucos, no universo da população brasileira, questionam a validade de tais afirmações, à falta de informações concretas e confiáveis que sirvam de apoio (a carência de dados estatísticos é generalizada no País).

Mas, para os especialistas do setor, a realidade derruba esses mitos. O mercado editorial tem-se mostrado estável nos anos 80, em contraste com a quase totalidade dos setores da economia que sofreu grandes perdas no período. Será verdadeira a afirmação de que, em tempos de crise se lê mais?

Alfredo Weiszflog, recentemente empossado presidente da Câmara Brasileira do Livro e dirigente da Companhia Melhoramentos, que inclui a Editora Melhoramentos, apresenta dados que mostram uma produção em torno de 250 milhões de exemplares ao ano, atualmente. A proposta da nova diretoria da CBL é ampliá-la para 300 milhões nos próximos dois

anos, o que representa um aumento de 30%, proposta que ele considera bastante viável.

Segundo levantamento realizado por "Leia Livros", publicação mensal especializada em livros, a produção em 1984 atingiu 6.819 edições, sem incluir o segmento didático, 38% maior do que o ano anterior, que foi de 4.932. Não foi considerado o número de títulos, nem a tiragem de cada um deles, o que o torna passível de dúvidas. Mas uma coisa é certa: se o setor não tem apresentado um desempenho excelente, as perspectivas a curto prazo são animadoras.

O presidente da Câmara Brasileira do Livro cita várias atividades que estão sendo postas em prática para estimular a população brasileira a ler mais. A principal, ainda na fase de estudos, é o desenvolvimento de uma campanha promocional do livro. O empreendimento será feito em conjunto com a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose.

Basicamente, passará a vigorar novamente o acordo entre os fabricantes de papel e as editoras. Em toda venda ambas as partes contribuirão com um mesmo per-

centual calculado sobre cada quilo da matéria-prima, destinado a um fundo de apoio à campanha, que vai ser gerido pelas duas entidades.

Pedro Herz, coordenador da comissão de Promoções e Feiras da Câmara e diretor da Livraria Cultura, uma das mais tradicionais de São Paulo, explica que o objetivo da campanha é promover o livro como um todo, institucionalmente. Haverá uma campanha publicitária envolvendo a mídia impressa e eletrônica e uma promocional. Esta última constará de feiras, exposições, além da participação da Câmara do Livro nos eventos que ocorrem no Anhembi. "A idéia — diz Pedro — é contarmos com um estande em todas as feiras programadas durante o ano". Para isso, ele já está entrando em contato com as empresas promotoras a fim de obter o apoio. "O resultado — continua ele — vai beneficiar ambas as partes".

NÚMEROS SURPREENDENTES — Os 20% de incremento na produção brasileira de livros vão representar, segundo Alfredo Weiszflog, em termos macroeconômicos, um investimento entre US\$ 150 a US\$ 200 milhões para atender à demanda crescente. E o consumo de papel passará de 80 mil para 100 mil toneladas anuais. Direta e indiretamente, serão criados 15 mil novos empregos.

Para o setor gráfico o aumento de serviços será o incentivo à sua total reativação. Mas esse benefício, não será "gratuito": "Futuramente, eles serão convocados a colaborar na campanha", diz Alfredo, sorrindo. Ele lembra, também, que os ganhos não serão apenas econômicos: "A campanha criará uma imagem positiva ao consumo e uso do papel".

Há outras frentes que estão sendo atacadas pela Câmara Brasileira do Livro, visando ao aumento do consumo do livro. A nível de público, estão sendo promovidas bienais em cidades pertencentes a cada uma das regiões administrativas do Estado de São Paulo, em uma escala menor à realizada na Capital e adaptadas às características locais.

E o sucesso, guardadas as proporções, tem sido tão grande como o da Bienal Internacional. Em Presidente Prudente, o público estimado foi de 30 mil pessoas e,



PEDRO HERZ

As feiras são, atualmente, a melhor forma de promover o aumento da leitura. É necessário expandir o comércio pelo interior de São Paulo e outros Estados.

em Bauru, de 70 mil. Estes dois primeiros eventos tiveram repercussão regional, atraindo pessoas de muitas cidades. Ainda este ano, ela será levada a Ribeirão Preto, Araçatuba e São José dos Campos.

Para a sua realização é necessária uma grande concentração de forças, envolvendo pessoas e materiais. Nisso tem sido importante o apoio do Sesc/Senac, Banco Noroeste e Secretaria Estadual da Cultura. Antes de seu início são feitos contatos com livreiros locais (somente esses são autorizados a comercializar os livros), com professores, especialistas e escritores da região para que participem das atividades.

Semelhante à Bienal de São Paulo, também são dados cursos aos professores para que incentivem seus alunos ao hábito da leitura nas escolas, com a participação de especialistas em literatura infantil e juvenil. "É fundamental prepará-los para isso", afirma Alfredo. "Há 30 milhões de estudantes no Brasil, muitos deles filhos de pais que nunca viram um livro".

A Câmara Brasileira do Livro, em conjunto com a Associação Nacional de Livrarias, deverá desenvolver cursos para preparação de pessoal especializado nos trabalhos em livrarias e editoras, com o objetivo de aumentar o volume e qualidade das vendas. A previsão é que eles se iniciem ainda este ano.

Um outro trabalho conjunto, desta vez com a Biblioteca Municipal, é a criação de uma feira permanente de livros, nos moldes da de Porto Alegre. Pedro Herz explica que ela ainda está sendo planejada e deverá ser implantada em uma rua do centro de São Paulo, até o final do ano.

Da mesma forma que a campanha do livro, a idéia é fazer com que o evento aproveite o aumento de consumo da população, que acontece no último trimestre do ano.

A opinião de Pedro é que as feiras são, atualmente, a melhor forma de promover o aumento da leitura. Neste ano, a Livraria Cultura promoveu uma delas em Ilha Solteira, no Estado de São Paulo, que foi muito bem-sucedida, atraindo grande público. Uma coisa que o impressionou foi a inexistência de um único livreiro na cidade. "Ilha Solteira — explica ele — é uma cidade que conta com infra-estrutura total, água e esgotos em todas as casas, mas não possui livraria. E, mais grave, não é exceção". Em sua opinião, as campanhas de incentivo ao livro perdem a sua eficácia, nesses casos.

E, continua, dizendo que esta é uma das grandes limitações à expansão do setor; é necessário expandir o comércio pelo interior de São Paulo e por outros Estados. "Em São Paulo — continua Pedro — estão surgindo muitas livrarias em bairros, parte delas não resistindo por muito tempo e outras se mantendo. Essa, talvez, seja uma tendência que pode chegar a outras cidades".

O GRANDE "BOOM" — Mário Fittipaldi, que acaba de deixar a presidência da Câmara, sem deixar de participar da diretoria (atualmente, além de pertencer ao Conselho Fundador, é membro do Conselho Fiscal e das comissões organizadoras da Bienal, da Feira de Frankfurt e coordenador da recém-criada comissão

de levantamento da Memória da CBL) é da mesma opinião que Pedro Herz, quanto à importância das feiras.

Ele afirma que o empenho da Câmara pela divulgação tem sido crescente e o coroadamente foi a 8ª Bienal Internacional, atraindo 700 mil pessoas, um número inimaginável para um evento dessa natureza. A 7ª, ocorrida em 1982, já havia mostrado uma grande expansão.

Mário Fittipaldi, (já ocupou a presidência da entidade de 1961 a 65 e de 77 a 85), se lembra muito bem do início da Bienal. A origem está ligada à Bienal Internacional de Arte, na década de 60. Na época, o seu então presidente Cicilo Matarazzo, cedeu uma parte do local do prédio para a exposição de livros e outra para a de arquitetura. "Começamos timidamente ocupando um pequeno espaço — afirma ele — até chegar ao "boom" de 1984".

Muita coisa contribuiu para essa "explosão", segundo Fittipaldi. A primeira delas foi a entrada em cena, na 7ª Bienal, dos grandes veículos de comunicação de massa, dedicando um espaço significativo para o evento. "À parte disso — continua ele — há o fenômeno do crescimento do mercado, principalmente nas áreas infantil e juvenil".

E — fechando o círculo — esses dois segmentos foram incentivados pela própria Bienal. Desde 78, a comissão organizadora passou a dedicar atenção aos seminários sobre literatura infantil e juvenil, com a participação de especialistas latino-americanos.

"Nos primeiro deles — lembra Mário

Fittipaldi — foi desenvolvido um estudo muito interessante sobre o que é esse tipo de literatura. Isso 'acendeu' a cabeça de todo mundo". A maioria dos livros era traduzida, algumas vezes sem qualquer relação com a situação sócio-econômica do Brasil.

Nos seminários seguintes a forma, conteúdo e ilustrações passaram a ser analisados cuidadosamente. Os participantes chegaram à conclusão de que os leitores não estavam sendo atendidos em sua expectativa. E foi a partir dessa tomada de consciência que o segmento cresceu assustadoramente. "Hoje, nas feiras de Frankfurt, Alemanha, e Bolonha (dedicada exclusivamente à literatura infantil e juvenil), nota-se um grande número de brasileiros vendendo textos e ilustrações".

Mesmo sem apresentar dados, Mário Fittipaldi afirma que tal crescimento se estendeu a outros segmentos do livro, com exceção do universitário, devido, principalmente, à concorrência do "xerox". Ele, como Pedro Herz, é de opinião que as mudanças de hábitos da população brasileira, durante a crise, fez com que ela aumentasse o hábito da leitura. "A classe média especialmente — continua Fittipaldi — descobriu que a leitura é uma opção de lazer barata". Herz vai mais longe: "O custo de um livro é muito menor do que qualquer curso", justificando o crescimento da demanda por publicações técnicas. E não é somente isso; o jovem está buscando em obras, explicações e alternativas para muitos dos seus dilemas.

Mas, o ex-presidente da Câmara do Li-



RUY GONÇALVES

A situação deve mudar com o novo presidente. O governo está dando prioridade à educação e promete pôr em prática um plano ambicioso de aquisição de 30 a 40 milhões de exemplares da editora.

vro tem certeza de que o mercado editorial poderia se desenvolver ainda mais, se contasse com o apoio governamental, principalmente no que se refere à implantação de bibliotecas públicas.

ATUAÇÃO EQUIVOCADA — E a CBL vem mantendo um contato ininterrupto com as autoridades, a fim de corrigir as deformações na forma de atuar em relação ao livro. Ruy Gonçalves, coordenador

da comissão do Livro Didático da Câmara e diretor-superintendente da Editora Saraiva, acha que a situação deve mudar com o novo presidente. E já há sinais: o governo está dando prioridade à educação e promete pôr em prática um plano ambicioso de aquisição de 30 a 40 milhões de exemplares das editoras, para destiná-los aos alunos carentes.

O livro didático, especificamente, possui variáveis bem mais complexas. Segundo Ruy Gonçalves, ele está inserido no problema do ensino, que envolve a escola, o professor e o próprio aluno. "Ele é feito para se adequar ao nível do ensino", afirma ele. Para melhorar o nível das publicações, é preciso em primeiro lugar transformar a própria educação.

Devido à carência de salas de aula, os alunos permanecem, em média, três horas por dia nas escolas oficiais. E os professores, que recebem baixos salários, são obrigados a suportar uma enorme carga de aulas. "Quando a criança passar a ficar maior número de horas na escola, o professor diminuir o tempo de trabalho e puder preparar melhor suas aulas, conseqüentemente o nível do aluno melhorará. Aí, poderemos oferecer um produto mais elevado".

Ele afirma que o editor procura lançar livros que têm aceitação no mercado. Para isso, baseia-se nos currículos escolares e na análise da conveniência da edição, considerando a maior ou menor concorrência na área. As empresas de maior porte procuram manter publicações referentes às matérias principais — Português, Ma-



ALFREDO WEISZFLOG

A proposta da CBL é aumentar a produção de 250 milhões para 300 milhões de exemplares/ano nos próximos dois anos e desenvolver a campanha promocional do livro.



COSMO JUVELA

Há atualmente no Brasil perto de 18 mil vendedores de livros, cobrindo todo o território, alguns utilizando barcos e até aviões para atingir locais de difícil acesso.

temática, Ciências, Geografia e História. Afinal, uma editora de livros didáticos envolve um capital considerável e deve ser administrada como qualquer empreendimento.

Além de esperar que o governo mude a estrutura do ensino, Ruy gostaria que ele não concorresse com a iniciativa privada na edição de livros didáticos. Atualmente, a FAE — Fundação de Auxílio Escolar é um dos grandes produtores da área. A isso deve-se acrescentar que a qualidade é inferior à das editoras particulares, com o seu custo maior.

“O compromisso deste governo — continua o diretor da Saraiva — é prestigiar a livre iniciativa. E vamos cobrá-lo como temos feito, não só nesse sentido, como também para destinar maior verba à educação”. Os sinais são positivos: o programa nuclear está sendo desativado e a verba para o programa educacional aumentada.

Mário Fittipaldi repete, há anos, uma frase a respeito da atuação das autoridades no setor: “O governo ajudaria, se não atrapalhasse”. Mais sério, ele acha que o seu trabalho deveria ser o de fundar bibliotecas e dotar as já existentes de obras de editoras particulares.

VENDA DE PORTA EM PORTA — A grande maioria dos municípios brasileiros é carente de bibliotecas e, mais ainda, de livrarias, deixando seus habitantes quase que completamente desassistidos em relação ao livro. É daí talvez que tenha surgido o mito de que o brasileiro não lê. Se

não fossem os vendedores, conhecidos como creditistas, o contato com o livro, de uma boa parte da população adulta do País, certamente não existiria.

Há atualmente no Brasil perto de 18 mil vendedores, cobrindo todo o território, alguns utilizando barcos e até aviões para atingir locais de difícil acesso, segundo Cosmo Juvela, diretor-representante das empresas de crediário na Câmara e

proprietário da Editora Meca. Ele explica que há aproximadamente 500 crediários que vendem obras completas literárias, técnicas, infanto-juvenis, paradidáticas ou de apoio e até eróticas.

As características são diferentes das dos livros encontrados em lojas: as tiragens são bem maiores e têm capas duras. Eles são vendidos por meio de **broad sides** (cartazes publicitários) que, nas palavras de Cosmo, funcionam como “vitrines”.

A maior importância, para ele, desse tipo de comercialização é levar o livro a pessoas que nunca entrariam em livrarias para comprá-los. “Na zona rural, por exemplo, muitos pais compram os livros para os filhos, possibilitando o primeiro contato deles com as publicações”. E desse contato pode surgir o hábito da leitura.

Como Juvela compara o trabalho dos creditistas a um sacerdócio; há muitas outras atividades mais rentáveis que essa, mas algumas pessoas a preferem. “O vendedor não conhece todas as obras de que dispõe, mas desenvolve uma técnica de convencimento das pessoas — diz ele — e têm de lutar contra a pouca escolaridade e o baixo poder aquisitivo”.

Cosmo afirma, ainda, que o trabalho com o livro “é uma cachaça, é difícil largá-lo”, seja o indivíduo editor, distribuidor ou livreiro. Em relação aos creditistas, como o próprio nome diz, eles possuem a agravante de vender a prazo, numa época em que a inflação chega a 230%.



MÁRIO FITTIPALDI

Hoje, nas feiras de Frankfurt, e Bolonha nota-se um grande número de brasileiros vendendo textos e ilustrações.

A INDÚSTRIA GRÁFICA EM DEBATE NO X CONGRESSO LATINO-AMERICANO

QUAL A POSIÇÃO atual da indústria gráfica? Em que estágio se encontra o desenvolvimento tecnológico no setor de máquinas e equipamentos? Quais as perspectivas do setor? Respostas para estas questões serão debatidas de 9 a 12 de outubro, durante o X Congresso Latino-Americano da Indústria Gráfica, em Brasília. Cerca de 400 empresários gráficos da América do Sul - só do Brasil são esperados 150 - estarão reunidos nesse período para avaliar amplamente os problemas administrativos, políticos e técnicos ligados ao segmento gráfico.

A proposta do Congresso é reunir, num mesmo evento, os empresários de todo o Continente, para definir os rumos do setor. O encontro que permitirá ainda a realização de um balanço financeiro comparativo, com a presença de representantes da indústria gráfica de outros países, será dividido em duas partes. A decisão foi tomada por Jurandyr de Carvalho, diretor da Escola Senai Theobaldo De Nigris e chefe da comissão coordenadora do evento, da qual fazem parte Sidney Fernandes, Max Schrappe, Pery Bomeisel, Hilton Pinheiro Mendes, João Rodrigues Estebanez e Yussef George Nimer. Na primeira fase, serão realizadas palestras, debates e mesas-redondas, e analisadas as questões que cada país pertencente à Conlatingraf (Confederação Latino-Americana da Indústria Gráfica) irá expor, conforme ficou acertado durante a assembléia da entidade, ocorrida em Bogotá, no mês de abril.

A segunda parte do evento será mais social. Os congressistas farão uma tournée turística por Brasília, assistirão a apresentações de grupos folclóricos regionais e participarão de reuniões informais.

Para essa programação sócio-cultural está previsto um jantar típico Norte-Nordeste, com música regional, no Clube Naval de Brasília,



além da visita ao Congresso Nacional e à Igreja Dom Bosco.

O Congresso será aberto oficialmente às 20h30 do dia 9 de outubro, no auditório do Palácio do Itamaraty. Foram convidados para a solenidade, além do presidente José Sarney e do chanceler Olavo Setúbal, o governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira e vários outros ministros.

COMO PARTICIPAR - A comissão coordenadora, que poderá definir, ainda durante o Congresso, alguns outros eventos complementares, conta entre os conferencistas com a presença de um empresário europeu, da Espanha ou da Itália, para analisar o desenvolvimento gráfico no Continente e as perspectivas da indústria do setor.

Quem estiver interessado em participar do X Congresso poderá se inscrever, enviando à Abigraf a ficha que acompanha o folheto distribuído a todos os gráficos, já preen-

chida, ou ir pessoalmente à Associação.

A Varig e a Cruzeiro são as empresas aéreas escolhidas, e estão à disposição dos participantes, que terão 40% de desconto nas passagens para grupos com mais de cinco pessoas. Haverá recepcionistas no Aeroporto Internacional de Brasília para conduzir os congressistas ao hotel, de onde sairão ônibus especiais que farão o transporte até os locais determinados.

Os preços são os seguintes: US\$ 70 (mais US\$ 50 para acompanhante) até o dia 30 de agosto; US\$ 90 (mais US\$ 70 para acompanhante) até o dia 20 de setembro; e US\$ 110 (mais US\$ 90 para acompanhante) após essa data. Nesses valores estão incluídos almoços, jantares, coquetéis, passeios, além de todo o material didático do Congresso.

As reservas de hotéis estão abertas até o dia 15 de setembro e podem ser feitas através da própria Abigraf, preenchendo-se o verso da ficha de inscrição. Foram escolhidos dois hotéis cinco estrelas - o Carlton e o San Marcos - com diária simples de US\$ 32 e de US\$ 45 a dupla - e o Bristol, de quatro estrelas, cujas diárias são respectivamente de US\$ 28 e US\$ 35.

CONVIDADOS - Como convidados, deverão estar presentes os norte-americanos Régis J. Delmontagne e Basilio Liacuris, respectivamente presidente e diretor da National Printing Equipments and Supply Association (NPES) e Charles A. Alessandrini, presidente da National Association of Printers and Lithographers, que representa, nos EUA, o que é a Abigraf no Brasil. Espera-se ainda a presença de representantes da Câmara Boliviana da Indústria Gráfica, Câmara de Artes Gráficas do Panamá e do setor de artes gráficas da Câmara da Indústria da Costa Rica.

A SUA solução está em nosso papel.



A MD Nicolaus possui uma linha completa de papéis industriais e comerciais, dos mais leves (16g/m^2) aos mais pesados (500g/m^2), dos mais porosos (filtros automobilísticos) aos mais densos (base para siliconização), dos mais escuros ("Dekor" preto) aos mais brancos (cartão de visita "Camila" tipo opaline), todos eles complexos sob o ponto de vista tecnológico.

Dentre os segmentos que utilizam nossos papéis, podemos citar as indústrias de etiquetas auto adesivas, de embalagens flexíveis, de sacos de papel, de formas pa-

ra panetone, de fitas crepadas (Masking Tapes), de filtros de café, de chá (Tea Bags), filtros para a indústria automotiva, de laminados plásticos industriais e decorativos, de formas para concreto, gráficas, etc.

A alta qualidade de seus produtos já comprovada no mercado nacional bem como, internacionalmente, em mais de 40 países, aliada a uma grande dedicação ao serviço de atendimento e assessoria técnica aos clientes, faz da MD Nicolaus fator de tranquilidade, segurança e sucesso de muitas empresas.

**MD
NICOLAUS**

Papéis especiais

MD Nicolaus Indústrias de Papéis Ltda.

Km 34 - Estrada Velha de Campinas
Caixa Postal 21
07700 Caieiras - São Paulo - Brasil
Fone: (011) 431.2800
Telex: (011) 35380 MDNI-BR



ABCP, COM MIL ASSOCIADOS, INAUGURA SEDE PRÓPRIA

AO COMPLETAR seus 18 anos de atividades, a Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel - ABCP - inaugurou sua sede própria na noite de 19 de junho último, em solenidade onde estiveram reunidos empresários e dirigentes de classe do setor.

Fruto da expansão da entidade, que hoje conta mais de mil associados, a nova sede da ABCP congrega várias Divisões cujo objetivo é o aprimoramento do pessoal que trabalha no setor de celulose e papel. Fazem parte as Divisões Associativa, de Congressos, Cultural, de Divulgação, Técnica, de Desenvolvimento de Recursos Humanos, de Normas e Especificações, de Sede e Patrimônio, de Higiene e Segurança do Trabalho e Comissão de Intercâmbio com o Exterior.

Localizada no número 165 da rua Ximbó, no bairro da Aclimação em São Paulo, a sede da ABCP dispõe de auditório, duas salas de reuniões, biblioteca, cujo acervo vem sendo enriquecido continuamente com novas publicações nacionais e estrangeiras sobre tecnologia, pesquisa e novos processos. A biblioteca está também estreitando seus contatos com Universidades, Institutos de Pesquisa, Órgãos do Governo e empresas do setor com o objetivo de integrar e atualizar as informações.

Segundo o presidente da ABCP, Cláudio Campos, a aquisição da sede própria "representa uma etapa na história da ABCP, porém outras se sucederão e posso garantir que continuaremos trabalhando, agora com mais entusiasmo, para que possamos atingir nossas metas".

Na solenidade de inauguração estiveram presentes Jamil Nicolau Aun, presidente do Sindicato das Indústrias do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo; Osmar Elias Zogbi, presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, empresários do setor e associados da ABCP.



CURSOS EM AGOSTO

Dia 15, a ABCP estará promovendo o curso Manutenção de Sistemas Pneumáticos, destinado a mecânicos, técnicos de manutenção ou de áreas afins. Limite de participantes: 30. Inscrições gratuitas para os sócios da Associação e Cr\$ 300 mil para os não-sócios. O objetivo do curso é fornecer aos participantes subsídios técnicos, para montar e interpretar sistemas pneumáticos, conforme esquemas de comando, através de conhecimentos que lhes darão condições de resolver problemas na manutenção, bem como localizar rápida e racionalmente falhas e defeitos que possam ocorrer nos sistemas.

Dia 30, I Jornada de Higiene, Medicina e Segurança do Trabalho das Indústrias de Celulose e Papel. Promovido pela ABCP e pelo Sepaco - Serviço Social da Indústria do Papel, Papelão e Cortiça do Estado de São Paulo, o objetivo do encontro é promover o inter-relacionamento dos profissionais desse segmento das indústrias de Celulose e Papel. O evento destina-se aos médicos, enfermeiros, engenheiros e supervisores de segurança, psicólogos, assistentes sociais e profissionais do setor.

O encontro será realizado no Auditório do Hospital do Sepaco, situado na rua Vergueiro, nº 4210 - 3º andar - Vila Mariana. As inscrições encontram-se abertas e podem ser feitas na sede da ABCP até o dia 20 de agosto. Sócios da Associação e do Sepaco não pagam taxa de participação. Aos não-sócios serão cobrados Cr\$ 300 mil.

Maiores informações pelo telefone 572-9182, com Maria Rosa, na ABCP, ou 572-4133, ramais 211 e 212, com Rosana, no Sepaco.

DIVISÃO TÉCNICA

Dia 20 - Reciclagem de Aparas de Papel, promovido pelo Comitê de Reciclagem e pela Comissão Técnica Permanente de Papel e Cartão - ABCP. O seminário será realizado no Auditório da Escola Senai Theobaldo De Nigris.

Dia 27 - Seminário Sobre Papel de Imprensa, no Auditório da Escola Senai Theobaldo De Nigris. Do programa fazem parte a apresentação de palestras de produtores de papel, tintas, máquinas gráficas e de seus usuários finais.

Dia 28 - Seminário Sobre Tratamento de Efluentes Hídricos, promovido pela Comissão Técnica Permanente de Meio Ambiente da ABCP. O evento será realizado no Auditório do CTCP-IPT, quando será feita uma exposição da Proposta da Conama para alteração da Portaria 13.

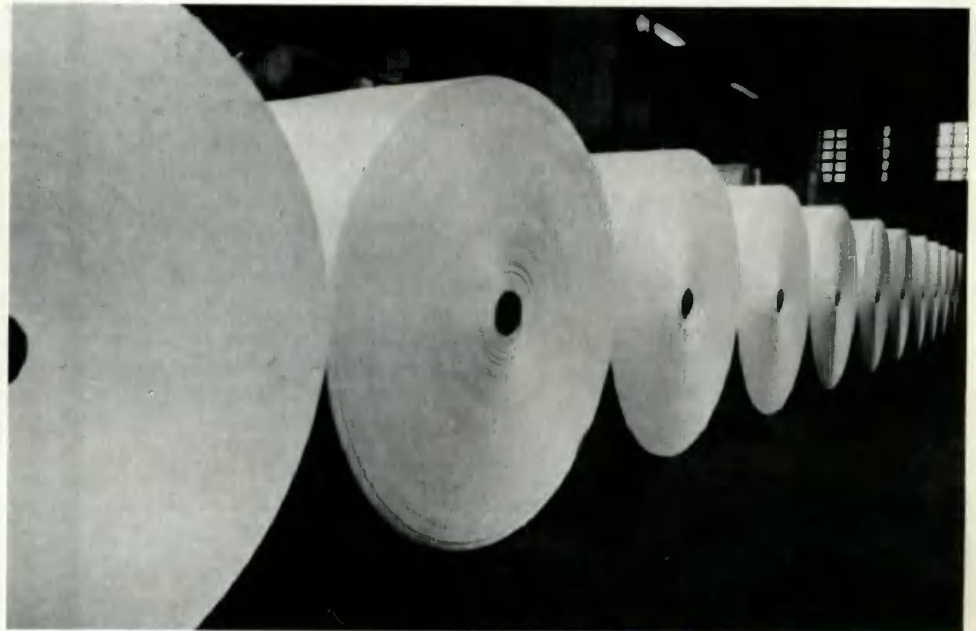
Dia 30 - Seminário Sobre Kraft, promovido pela Comissão Técnica Permanente de Papel e Cartão - ABCP e pelo - Sinpacel. Serão abordados temas como: liner board, corrugados, capa, miolo e kraft natural.

Este seminário será realizado no Auditório da Federação das Indústrias do Estado do Paraná, em Curitiba, PR. As inscrições antecipadas podem ser feitas na secretaria da ABCP, em São Paulo, pelo telefone 572-9182, com Sandra ou Noma.

PLANO DE AÇÃO DO BNDES PARA CELULOSE E PAPEL

Por Nildemar Secches, superintendente da área de Planejamento do BNDES

Com a participação de cerca de 200 técnicos e empresários, realizou-se dia 29 de março o seminário "Atualidade na Indústria de Celulose e Papel", promovido pela Associação Técnica Brasileira de Celulose e Papel — ABCP, no auditório do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES, no Rio de Janeiro. Na ocasião foi apresentado o plano de ação do Banco em relação ao setor celulósico-papeleiro, que reproduzimos a seguir.



AS HISTÓRIAS da industrialização brasileira e do BNDES se entrelaçam. Não há como analisar uma sem a outra. O reconhecimento dessa relação é importante para que sejam entendidas, em sua verdadeira dimensão, as propostas dessa instituição.

A missão do Banco é o desenvolvimento econômico-social. Tem, portanto, compromisso irredutível com o fortalecimento da empresa privada nacional, que é peça central no processo de crescimento.

Cabe ao setor público além do entendimento das necessidades sociais básicas, os investimentos na infra-estrutura necessária para o crescimento do setor privado da economia, e a produção de bens essenciais para os quais a iniciativa privada não tenha condições de mobilização de recursos, constituindo-se em importante gerador de encomendas para o setor privado.

A consciência de que a sociedade capitalista é essencialmente voltada para a ampliação da produtividade, evidencia que a indústria é o motor básico do desenvolvimento.

O BNDES acompanhou etapa por etapa o processo brasileiro de industrialização, deparando-se, agora, com novos desafios.

Por operar recursos de longo prazo, o BNDES tem o dever da ação inovadora e de ter uma visão desenvolvimentista, constituindo-se em agente de mudanças. Objetiva, portanto, resolver os problemas estruturais da economia.

Em consonância com essa convicção, tem incentivado o aproveitamento dos recursos internos e o desenvolvimento de uma tecnologia nacional, o que evidencia o caráter nacionalista da ação do Banco.

Tem-se, assim, procurado a utilização plena do potencial interno, visando atingir a maior autonomia possível, sem entretanto fechar a economia.

Além desses, outro princípio que tem norteado a atuação do Banco é o de que o desenvolvimento deve resultar no aumento do emprego e na atenuação dos desequilíbrios regionais, considerados de maneira agregada. Nesse sentido foram estabelecidas condições diferenciadas de apoio, favorecendo as regiões menos desenvolvidas, bem como procurou-se promover a interiorização do processo de industrialização e o apoio a empreendimentos geradores de emprego em regiões carentes.

Em complemento a essa postura, com a recém-função assumida de administrador do Finsocial, o BNDES ampliou suas possibilidades de atuação. Propõe-se a desempenhar, com maiores condições

materiais, expressivo papel no equacionamento das evidentes carências acumuladas na área de saúde, educação e apoio ao pequeno produtor rural.

Conforme mencionamos, é necessário evidenciar que o BNDES, como um agente do desenvolvimento econômico e social, ao longo dos anos, foi levado a adquirir uma visão de longo prazo das questões econômicas nacionais. Tem procurado, por isso, identificar os problemas estruturais, os pontos de estrangulamento a serem superados e os setores-chaves para aplicação de recursos.

A análise recente da economia brasileira demonstra que houve uma mudança estrutural nos últimos anos. Vários fatores concorreram para essa mudança, cabendo destaque ao elevado avanço do processo de implantação do setor industrial. Os grandes projetos do setor de insumos básicos foram concluídos. Os setores de não-ferrosos, química e petroquímica, papel e celulose, fertilizantes e siderurgia puderam, com sua maturação, reduzir drasticamente as importações e, em alguns casos, ampliar ou iniciar as exportações.

Da mesma forma, o País implantou um diversificado parque produtor de bens de capital e dispõe, hoje, de considerável capacidade física instalada nesse setor. Pode-se produzir, com elevados ín-

dices de nacionalização, praticamente toda a sorte de equipamentos demandados, desde modernos equipamentos de controle até pesados equipamentos sob encomenda. Assim, o País pode realizar novos programas de investimentos sem provocar grandes pressões na balança comercial.

Houve, ainda, uma redução substancial na importação de petróleo e seus derivados, em decorrência de investimentos realizados em três frentes: aumento na produção interna de petróleo; alteração da matriz energética visando reduzir a participação relativa de petróleo; e redução do consumo total de energia por unidade de produto. Essas alterações estruturais ocorreram, entretanto, em meio a uma significativa diminuição do nível de atividades industriais, com sérios reflexos sobre o nível de emprego e a ocupação da capacidade instalada.

A situação conjuntural atual, tanto pelas alterações estruturais como pelo excedente de capacidade produtiva não utilizada, possibilita, portanto, a retomada do crescimento econômico.

Assim, o sistema BNDES delineou a sua estratégia de atuação, procurando garantir o desenvolvimento econômico e social.

ESTRATÉGIA DE ATUAÇÃO — Três seriam os componentes básicos do processo de retomada do crescimento econômico: o impulso exportador já iniciado, o aumento do consumo interno e o crescimento dos investimentos públicos e privados. Apenas o impulso exportador é insuficiente para garantir uma retomada efetiva e sustentada, tornando-se necessário que outros componentes de demanda se ativem. Identificou-se a recuperação gradual dos salários reais acompanhando o aumento de produtividade, como um dos elementos fundamentais ao processo de retomada.

O terceiro elemento, crescimento dos investimentos, é essencial para o aumento da demanda interna global. A recuperação do investimento, garantindo a continuidade do crescimento, permitirá a mais rápida expansão do emprego. Se conjugado a este processo empreender-se ação em áreas sociais carentes, poderemos obter, além da recuperação do nível de emprego, sensível melhoria da qualidade de vida e distensão social.

A ação conjugada desses elementos — exportação, aumento dos salários reais, aumento dos investimentos e dos gastos sociais — tem condições de levar a uma retomada do desenvolvimento, de forma sustentada e consistente.

Como o investimento é o componen-

te do processo de retomada que está afeito ao sistema BNDES, delinearam-se, de acordo com essa estratégia, os seguintes campos prioritários de sua atuação:

1 Implantação e desenvolvimento dos setores tecnológicos de ponta.

Tendo em vista a necessidade de ampliação da produtividade, deve-se procurar a implantação dos setores — informática, microeletrônica e química fina — que, na fase atual, são os que restam para serem implantados no País.

Os setores de informática e microeletrônica têm ligação com inúmeros segmentos, estando vinculados à determinação da qualidade e à produtividade da atividade econômica.

O setor de química fina — catalizadores, fármacos, imunobiológicos e defensivos agrícolas — requer investimentos que venham a substituir importações, devendo contudo serem feitos de maneira seletiva.

É relevante, assim, o estímulo ao processo de modernização do parque industrial instalado, assim como do setor serviços, para, reduzindo-lhe custos, garantir a capacidade de competição internacional, e viabilizar o necessário volume de encomendas para o setor de informática a ser implantado.

2 Modernização e expansão da capacidade produtiva.

Pode-se dizer que a fase de implantação dos grandes projetos encerrou-se. Em curto prazo, serão necessários investimentos visando ao desengargalamento ou a modernização de fábricas.

Esses investimentos, embora de pequeno porte relativo, deverão implicar em substancial aumento da capacidade produtiva instalada.

É necessário pois, um esforço permanente, a partir de agora, para, procedendo à reciclagem do setor industrial, mantê-lo em níveis tecnológicos compatíveis com a economia internacional.

Além desses investimentos, alguns setores, tais como siderurgia e celulose, também deverão ampliar sua capacidade instalada. Esses setores mantiveram-se ocupados através das exportações e, com a recuperação do mercado interno, deverão ampliar sua capacidade produtiva para não terem de reduzir o volume exportado. Acreditamos que o espaço conquistado no mercado externo representa um ativo do País, que precisa ser preservado.

3 Expansão e modernização da infraestrutura econômica.

A terceira frente de investimentos deve ser na infra-estrutura urbana e indus-

trial, que normalmente está a cargo do Estado.

O transporte de cargas, tanto ferroviário como hidroviário, e o sistema portuário necessitam de expansão e modernização; nos transportes urbanos, as redes ainda são incompletas e insuficientes; e o transporte e a distribuição de gás deverão ser implantados ou expandidos.

4 Ocupação da fronteira agrícola. A ocupação da fronteira agrícola representa uma frente de investimentos que possibilita um salto quantitativo em nossa produção agrícola. O potencial dos cerrados e do centro-oeste para a produção de grãos ainda está inexplorado. Sua ocupação pode representar uma mudança radical no significado da produção no conjunto da economia nacional. Esta deverá ser uma agricultura moderna, baseada em empresas organizacional e tecnologicamente atualizadas, necessitando investimentos tanto na implantação física, quanto na infra-estrutura de transportes, armazenagem e energética.

5 Ampliação e modernização dos serviços sociais.

Por último, existem na área social importantes ações a realizar, tanto em investimentos quanto no oferecimento de serviços básicos à população. Sem qualquer dúvida, esse é o campo em que o País está relativamente mais atrasado. Enorme esforço tem de ser empreendido nesta direção para atenuação da grave situação atual.

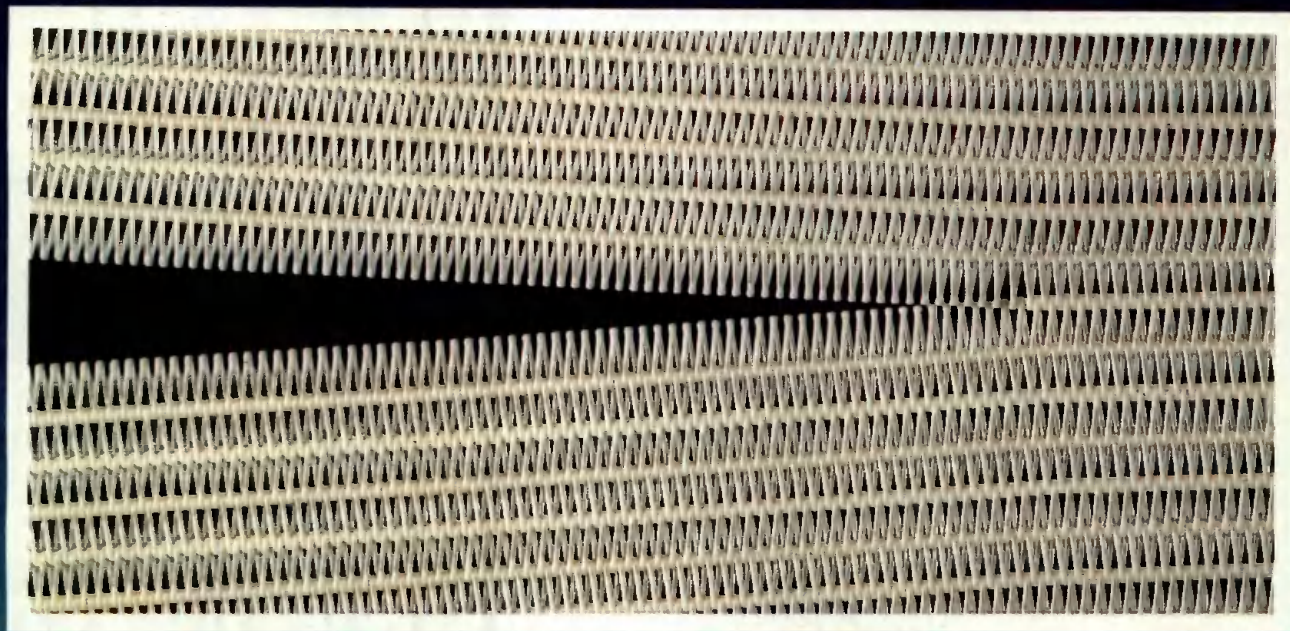
O BNDES, como gestor do Finsocial, pretende conferir especial prioridade para os investimentos nas áreas de saúde básica, educação (especialmente pré-escolar e primeiro grau), saneamento simplificado e apoio ao pequeno produtor. Essa ação, que se pretende modernizadora, procurará introduzir o conceito de projeto nesse tipo de ação. Os recursos devem ser repassados a Estados, Municípios e entidades federais, para aplicação em projetos analisados segundo critérios técnicos adequados, e com uma visão pluri-anual.

Identificadas as novas frentes de investimentos, buscou-se traçar as **diretrizes gerais** expressas a nível setorial e social, que se constituem em orientação a ser seguida pelo sistema BNDES em sua ação institucional e como órgão financiador. Na identificação das novas frentes de investimento, destacou-se o setor de papel e celulose como prioritário entre os diversos segmentos analisados.

As vantagens comparativas que apresentamos, os efeitos desse setor sobre o equilíbrio da balança cambial, o fortale-

ESPIRALMESH®

Os melhores papéis passam por esta tela.



Mais do que pioneirismo, o sucesso alcançado pela ITELPA com o lançamento de telas plásticas PLASTIMESH, SECAMESH e de dupla camada DUOMESH, para formação e secagem, deve-se à alta qualidade de seus produtos. O mesmo acontece agora com ESPIRALMESH, a nova tela secadora ITELPA com revolucionário sistema de união.

Principais vantagens:

ESPIRALMESH é destinada à bateria secadora de máquinas de papel, que é um tecido não tecido, produzido com monofilamento de poliéster reforçado e resistente à hidrólise, destacando-se pela uniformidade de sua superfície e total flexibilidade.

ESPIRALMESH tem sua instalação ainda mais simplificada, pois, a união sendo feita com

auxílio de um aparelho de pequeno porte e de fácil manuseio, que acompanha a tela, resulta numa operação tão perfeita, que apresenta a mesma resistência de qualquer ponto do tecido. ESPIRALMESH é fornecida com CFM, a partir de 350, podendo atingir até 1.000, de acordo com a necessidade de cada posição da máquina, diminuindo consideravelmente o consumo de vapor utilizado nos cilindros secadores.

ESPIRALMESH é a ITELPA mantendo o seu pioneirismo. Fica assim assegurado à indústria papelreira, o acesso às técnicas hoje utilizadas nos Estados Unidos e na Europa.

Para esclarecimentos adicionais, estamos ao seu inteiro dispor.



ITELPA S.A.

ITELPA S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Oscar Freire, 379 - 4º andar - CEP: 01426 - São Paulo - SP - Brasil - 01051 - Caixa Postal 656
Telefone: (PABX) (011) 881-7711 - Telex: 011 30700 ITMP - End. Telegráfico: TELINDÚSTRIA

cimento do empresariado nacional, o desenvolvimento regional e a geração de empregos, conferem ao mesmo papel destacado no processo de retomada do desenvolvimento.

A longa e intensa experiência acumulada pelo sistema BNDES no desenvolvimento desse setor e o intenso trabalho de avaliação e prospecção recentemente realizado em conjunto com as associações nacional e paulista, sob coordenação da FIESP, permitiram-nos identificar como diretrizes:

- expansão da capacidade de produção de celulose visando tanto ao suprimento da demanda interna quanto à ampliação da participação do Brasil no mercado mundial;
- implantação de unidades de pasta de alto rendimento visando ao aumento de sua participação na composição de papéis e à liberação de maior volume de celulose para exportação;
- melhoria da eficiência no processo produtivo do papel, especialmente no segmento de empresas de médio porte, visando, inclusive, à redução do consumo específico de celulose na produção de papel;
- aumento da capacidade de produção de papel visando à substituição de importações existentes, a atender o crescimento do mercado interno e ao incremento das exportações.

Essas diretrizes baseiam-se nas seguintes constatações:

- a caracterizada competitividade brasileira na celulose e no papel, decorrente de reconhecidas vantagens comparativas;
- a maturidade do setor, atestada pela superação da crise, ao fim da qual se apresenta fortalecido;
- a sólida capacidade financeira do setor, em termos agregados;
- a rápida capacidade de resposta às oportunidades oferecidas, atestada pelo intenso aproveitamento do programa Conserve;
- o domínio da tecnologia em sua totalidade;
- a sólida indústria de bens de capital instalada no País, capaz de atender à demanda dos novos investimentos;
- a alta correlação da demanda com o PIB e a atividade industrial.

PAPEL — Com base nas diretrizes delineadas estabeleceu-se que a meta básica do setor de papel seria a ampliação da posição relativa alcançada pelo Brasil no mercado internacional, mediante exportação do excedente de produção até 1988 e, a partir daí a manutenção dessa posição.

CELULOSE — No setor de celulose, a meta básica seria manter a posição relativa atual alcançada pelo Brasil no mercado internacional, considerado o pleno atendimento às necessidades internas de material fibroso da indústria papel-leira.

A projeção do consumo aparente de fibras foi feita tomando-se por base a atual estrutura fibrosa dos papéis produzidos no País, ou seja, sem considerar as possíveis e desejáveis alterações quanto ao teor de cinzas e substituição de pastas químicas por pastas de alto rendimento.

A produção nacional de fibras necessária à consecução dos objetivos propostos precisaria, então, atingir 6,6 milhões de toneladas em 1990 e cerca de 9 milhões de toneladas em 1995.

Além das metas quantitativas de produção de papel e fibras, para atender ao mercado nacional e para aproveitar as oportunidades de exportação, colocam-se para o setor as seguintes metas qualitativas:

1 Racionalização do uso de energia e substituição de derivados de petróleo;

2 Otimizações de processo das empresas em operação;

3 Alteração estrutural do consumo de fibras no mercado nacional pela substituição de pastas químicas por pastas de alto rendimento.

A ação do BNDES, nesse sentido, deverá contar com seus mecanismos tradicionais de apoio, porém distinto tratamento será dado às iniciativas em função do maior ou menor mérito de cada uma.

- Projetos destinados à redução do consumo específico de celulose na produção do papel deverão ser apoiados com menores taxas de juros.
- Empresas que desenvolvam tecnologia, que sejam de capital aberto, destacadas exportadoras ou de significativo efeito no desenvolvimento regional, deverão também ser apoiadas em condições favorecidas.

Além disso, a maximização do emprego de equipamentos de fabricantes nacionais deverá implicar na ampliação da participação do sistema BNDES nos projetos.

Por outro lado, entendemos que os prazos de financiamento deverão ser ampliados nos casos de projetos com tecnologia desenvolvida no País.

Cabe notar que, o fortalecimento da engenharia nacional exige do BNDES o

apoio exclusivo a projetos que tenham engenharia de detalhamento feita por empresas de controle e comando nacionais e a engenharia básica feita, quando não totalmente, pelo menos com a participação de empresas da mesma natureza.

A ampliação da base florestal das empresas, seja com o objetivo de garantir a matéria-prima a níveis estáveis de produção, seja objetivando futuras ampliações, deverá ser financiada por nós em condições de prazo compatíveis com essa natureza de atividade.

O aproveitamento de grandes áreas florestais, através da implantação de novas unidades fabris, somente deverá ocorrer a partir de segura projeção do mercado nacional e internacional que garanta preços remuneradores. Por outro lado, o importante papel desenvolvimentista apresentado por essa natureza de projeto, induz-nos a pretender apoiá-los dentro de um conceito integrado, visando garantir também a infra-estrutura pública e privada necessária aos mesmos.

A característica de uso intensivo em capital que marca o setor, exige a presença no Brasil de amplo conjunto de empresas nacionais, que nos permita realizar sob controle nacional, o potencial total do País.

O reduzido número de empresas de grande porte, sob controle nacional, no setor, induz-nos a estabelecer como prioridade máxima o fortalecimento, através de novos projetos, das médias empresas que se apresentem com sólido potencial de crescimento. A essas, pretendemos dispensar especial atenção.

A longo prazo, permitimo-nos divisar a tendência do setor à integração vertical. Os elevados custos de energia e transporte gerados pela atividade não-integrada são insustentáveis e, disso as empresas não poderão ter dúvidas ao tomar suas próximas decisões de investir.

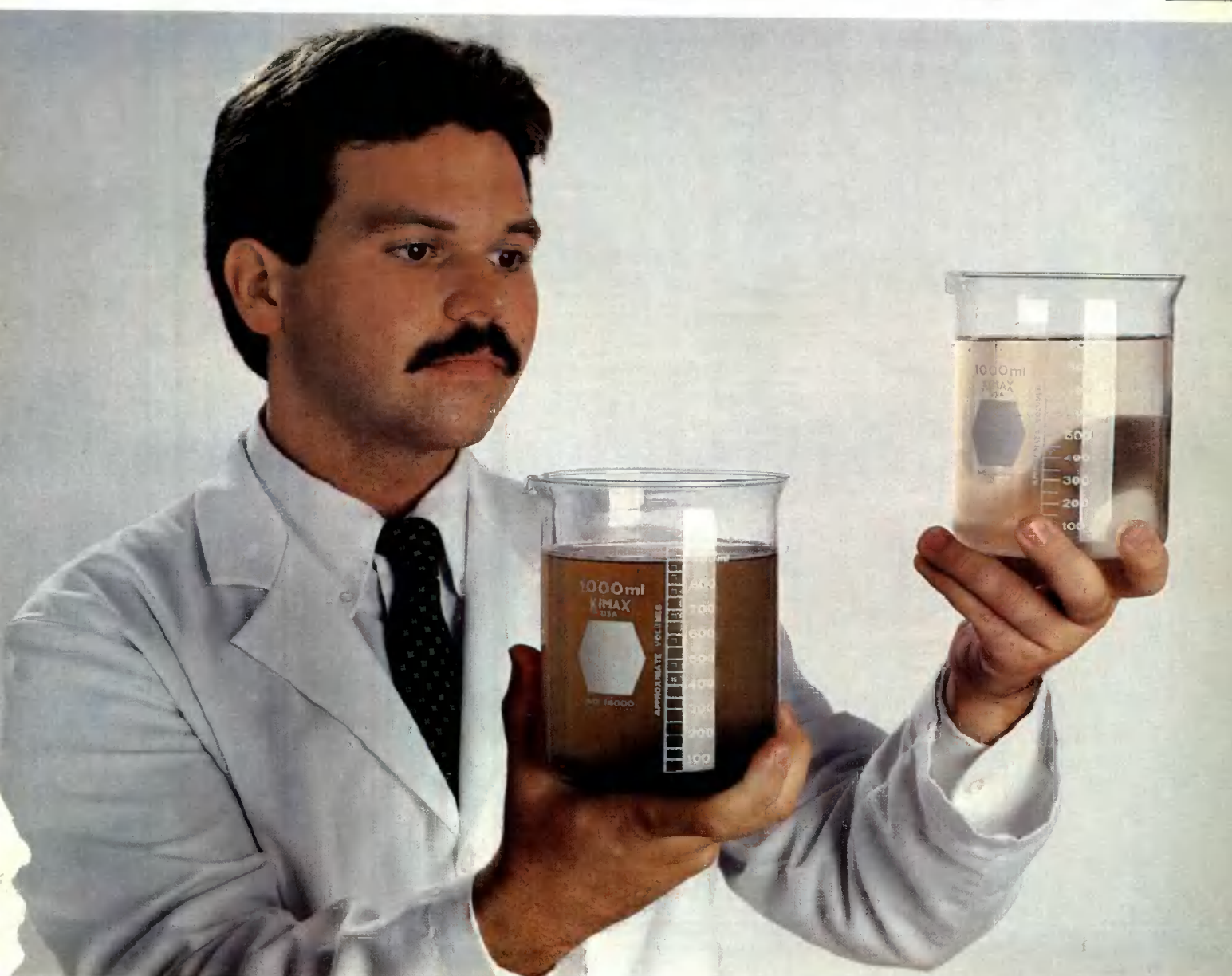
O atestado da alta prioridade concebida pelo sistema BNDES para o setor de papel e celulose e, sua determinação em apoiar esses segmentos industriais, nas iniciativas por nós preconizadas, estão refletidos na sua previsão orçamentária, a qual destina 17 milhões de ORTN, incluídas as disponibilidades do Finame para financiamento à compra de equipamentos.

Concluindo, este plano que abordamos aqui, resultado de um processo de planejamento iniciado em meados de 1983, é oferecido a debate a todos os segmentos interessados e deverá ser anualmente revisto para se adaptar às diretrizes governamentais, refletir a experiência de sua aplicação e as contribuições recebidas. ●

CATO[®] 3210

UM RECURSO ALTAMENTE VALIOSO PARA A INDÚSTRIA DE PAPÉIS LINER.

Quando o problema é retenção e drenagem na fabricação de papéis pesados, o CATO[®] 3210 prova seu valor, assim como nos papéis brancos e cartões.



Dentre nossos produtos estão os amidos catiônicos, acetilados e de baixa viscosidade entre outros especiais. Dispomos, também, de uma linha completa de colas vegetais.



Lorenz  National Industrial Ltda.

MATRIZ: 89100 - Rua São Paulo, 3068 - Blumenau - SC
fone: (0473) 23.2988 - telex: (0473) 323 IFCL BR

FILIAL SÃO PAULO: 05317 - Rua Aroaba, 409 - São Paulo - SP
fone: (011)261.4400 - telex: (011) 31762 IFCL BR

Tecnologia ontem, hoje e amanhã.

A "1001" reveste cilindros há quase 40 anos.
E tem hoje o maior Know-how acumulado no setor, em toda
a América Latina. Fornecendo a melhor solução técnica
para todos os problemas que envolvem revestimentos de
cilindros nos processos de produção industrial - papel,
siderurgia, têxtil, gráficos, plásticos -, alimenta
estes importantes setores dentro dos mais rigorosos
padrões de especificação, capitalizando sua experiência
também para a pesquisa de novos produtos.
Uma postura de quem aproveita a experiência do passado
para prestar o melhor atendimento no presente e
garantir um alto padrão no futuro.



1001

QUALIDADE PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

• Papel e Celulose • Siderúrgicas • Têxtil • Gráficas • Madeiras • Plásticos • Curtumes

1001

**INDÚSTRIA DE ARTEFATOS
DE BORRACHA "1001" LTDA.**

TECNOLOGIA E QUALIDADE

R. Dias da Silva, 11 - V. Maria - CEP 02114 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 209-9299 - TELEX: (011) 23268 INAB BR